

Vazios^{da} Escrita

Ana Mascarenhas

TÍTULO

Vazios da escrita

AUTORA

Ana Mascarenhas

FOTOGRAFIA DE CAPA

Diego Martinez Lora

DESIGN E COMPOSIÇÃO GRÁFICA

Augusto Silva

IMPRESSÃO

ACB Print

ACABAMENTO

Candisacos, V.N. Gaia

2011, edium editores de A.S. Castelo Branco

Rua de Santo António do Telheiro, 293

4465-249 S. MAMEDE DE INFESTA

Tel: 220 147 087 – 220 962 746

e-mail: geral@ediumeditores.org

Dept. Comercial

Rua Miguel Bombarda, 456 - 1.º E

4050-378 PORTO

Tel: 226 090 262

e-mail: comercial@ediumeditores.org

www.ediumeditores.org

ISBN: 978-989-701-036-1

DEPÓSITO LEGAL: 328584/11

Maio, 2011

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

Vazios^{da} Escrita

Ana Mascarenhas

ANA MASCARENHAS O DESCONCERTO DO MUNDO

A escrita de *Fragments da Alma* (título inicial deste livro, posteriormente designado por *Vazios da Escrita*) não obedece nem à visão clássica do romance e do conto nem à da poesia. Afirmam-se como uma narrativa de tipo novo, estranha, onde perpassa tanto a iluminação poética (“fragmentos”) quanto a narração argumentativa, ambas embaladas pelo sentimento (“da alma”). É, assim, um texto para ser lido com lentidão, porventura desordenadamente, ao sabor do imprevisto, furtando em cada página um pensamento, uma experiência, uma história, um verso que nos alumie o dia. Revolta feminina, sofrimento humano, algum cepticismo sobre a real valia da humanidade, pouca alegria, nenhum júbilo – eis o trem de que se compõe esta centena e meia de páginas, rebaptizadas com propriedade de *Vazios da Escrita*.

Vazios da Escrita porque tudo parece desavindo na mente da narradora, ou “desconcertado”, como diria o nosso épico, expressão da desarmonia flagrante entre desejo, vida e mundo. Assim o vive a narradora, assim o transmite nesta obra sofrida, assim o escreve desconexamente, criando um estilo disperso e fragmentário, que força o leitor a participar, comovendo-se, partilhando de idêntica tristeza ou alegria. É um estilo desprovido da aplicação das regras clássicas de ordem, proporção e harmonia, subvertendo em absoluto a tradicional arte da escrita literária. Em seu lugar, Ana Mascarenhas capta e transmite o grande *vazio* da vida, o aparente absurdo subversor de se acordar todas as manhãs para não se ser feliz. Desconcertada a alma, desconcertado o livro, desconcertado o estilo, dividido entre a imper-

feição do mundo e a perfeição da vida plena (ou felicidade). Assim, em Ana Mascarenhas, o texto oferece-nos, “Em Carne Viva” (título de um seu livro anterior), uma consciência poética estilhaçada, pulverizada, dividida em fragmentos independentes, alimentados por um conteúdo de fogo e revolta.

Neste sentido, perpassa no livro de Ana Mascarenhas um profundo sentimento trágico, uma ausência de unidade harmoniosa para a existência, tudo se torna deserto, desconcertante, e o deserto é imenso, como escreveu Fernando Pessoa, suga-nos encantadamente a alma, arrastando-nos para o fundo delirante da escrita, para o *vazio*. A escrita de Ana Mascarenhas tem o condão de apagar a luz, o som e a cor das feiras populares e dos ecrãs de televisão do mundo, de criar um *vazio* à volta do leitor, donde só com esforço se sai, limpando o suor da alma repartida em fragmentos, uma espécie de poço sem fundo desconstrutivista, onde se perde a inocência. É bom que assim seja, significa que a sua escrita nos toca, nos choca, nos faz gritar de revolta (não de desespero), tentando abrir uma nova estrada para os homens, não a da felicidade dos romances cor-de-rosa, não a da harmonia paradisíaca oferecida pelas agências Abreu do mundo inteiro, apenas aquela em que possa haver a hipótese de, ao despertarmos de manhã, não tenhamos a certeza de que vamos ser infelizes esse dia, talvez também possamos ser felizes, não porque existem passarinhos e o céu resplandece de azul, mas porque existem formas de concerto entre os homens, que quebram o vazio da escrita.

Parabéns, Ana, pelo texto sofrido. Afinal, não tanto *vazio* como o título sugere.

Miguel Real,
Azenhas do Mar, Sintra,
8 de Março de 2011.

Vazios^{da} Escrita

PALAVRAS PRÉVIAS

Não é um livro...
Também não é somente papel, nem somente escritos vazios...

Por mais forte que seja, por mais que deixe transparecer essa
força, existem sempre momentos de fraqueza, que exigem
momentos de reflexão.

Uma reflexão que permite sentir sentimentos comuns no mais
comum dos mortais.
São sentimentos sem alvo de nada.
São sentimentos que não podem ser medidos, comedidos e até
mesmo banalizados, pois são eles a nossa Essência, a nossa
Alma, e o nosso Eu.

As palavras sentidas e proferidas são por vezes também elas
traíçoeiras, e soam a algo que não correspondem à realidade da
vida que temos.

Mas a vida que temos, é a vida que escolhemos, e esta vida que
eu tanto adoro, por vezes também nos ensina o caminho das
pedras, caminho esse que se torna doloroso, por isso quando
me perguntam: o que mais me custa fazer na vida, a minha
resposta é única.

- CRESCER -

Dói muito crescer, porque requer sofrimento, requer aprender a lidar com sentimentos, com situações, com algo que nem sempre esperamos.

São momentos passageiros e, como tudo na vida, passam e ficam, cabe a nós decidir o modo como queremos aprender a crescer, a forma como gostaríamos de saber crescer e, até mesmo a maneira como esse crescimento nos ensina a viver.

Ana Mascarenhas

LIVRO

Livro

O meu livro
O meu diário

Vou enchê-lo de páginas escritas
Vou desenhar e rasgar.

Apetece-me riscar todas as páginas

Apetece-me rasgar a capa e ficar apenas a ver as folhas soltas
agora que brancas não estão.

Parecem ausentes e constantes as folhas rasgadas de um livro,
que um dia foi livro e agora são pedaços.

Pedaços de papel

Papel da árvore
Papel da natureza
Apenas papel.
Papel!

Falta uma coisa! O lápis.

O lápis cinzento de carvão escuro para fazer o contraste do branco
do livro que, um dia foi livro e, agora são apenas pedaços de papel.

Falta uma coisa! Partir o lápis, partir o bico e fazê-lo em peda-
ços, pedaços tão pequenos que seria inútil colá-los.

Agora o livro que um dia foi livro tem a companhia de um lá-
pis que um dia foi lápis, juntos são apenas pedaços de papel e
carvão. Vou queimá-los, vou ver arder na chama da noite o livro
que um dia foi livro e um lápis que um dia foi lápis.

Cinzas, apenas vejo cinzas, o branco passou a cinza, a cor transformou-se...de facto “nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”.

Eu tinha um livro, um livro branco, e tinha um lápis, um lápis de carvão, agora tenho apenas pedaços de papel e carvão, mas afinal, o livro sempre o terei.

Um livro não acaba quando se rasga
Um livro não termina quando se queima

Um livro é eterno pois, escrito ele está na sombra da minha vida, o lápis apenas é a companhia perfeita para um livro que um dia foi livro e agora são apenas pedaços de papel, mas afinal, o livro é eterno, pois escrito está nas palmas das minhas mãos, na consciência da minha alma, um livro eu terei enquanto consciente pensar.

Posso escrever alto
Posso pensar alto

Porque o meu livro mesmo fechado, um dia será aberto e, quando aberto for..

Um dia voltarei a ter um livro
Um dia voltarei a ser o livro

O livro branco

Um livro para ler
Um livro para partilhar, para aproximar, reflectir e ensinar-me apenas a saber sonhar.

LEIO-TE...

Depois deste dia a coragem faltou-me para me expor.

A escrita denuncia-me como tantas vezes o digo e, o que escrevo não é bonito de se ler.

Depois deste dia escrever-me seria enfraquecer-me, como hoje que me quebraste como se de vidro fino eu fosse.

A minha alma perdeu-se e a minha dor arruinou-me.

Perdoa-me pelas forças me faltarem e a coragem me abandonar.

Sei ser passageiro, mas o silêncio far-me-á bem.

SOLIDÃO

De facto devo ser uma pessoa atípica, pois eu gosto de solidão e faço por a ter como companhia ideal vezes sem conta.

A solidão alimenta-me e dá-me forças para enfrentar a multidão.

Por isso, escolho por opção a solidão.

Talvez por nunca ter experimentado o sabor de uma solidão obrigatória, ou quem sabe, por já a ter experimentado inúmeras vezes.

Acostumei-me e gostei, ou será que fui forçada a gostar?
E agora não sei distinguir o gosto da opção?

Não me posso esquecer que o ser humano é um animal de hábitos.

Com facilidade se habitua ao que dificilmente resiste.

A Mudança — A única Constante é de facto a Mudança.

É uma coisa que ainda vou descobrir, quem sabe?!

Solidão por Opção ou Solidão por Obrigação?!

O crescimento como pessoa irá com toda a certeza responder-me a esta questão.

Ou apenas irei dissertar até ao fim dos meus dias o que foi para mim a Solidão?

DESAFIO

Desafio a perfeição.
A perfeição, a compreensão.
Atingir a perfeição já compreendida.

Retraem-se pessoas aos desafios propostos pela vida, pelo cotidiano, pelo comodismo.

Acomodam-se na vida, para a vida.

Uma vida recheada de situações alimentadas pelo incômodo da mudança e, saciadas pelo medo do desafio.

Apenas a consciência deve permanecer intacta aos desafios propostos na vida humana.
O elo de ligação entre consciência e emoção devem apenas ser medidas no tempo e, em tempo, com princípios e sem fim.

O tempo em que se dá, o espaço onde se vê.
Medidas as consequências do desafio, porque não desafiar?

Desafiar o destino.
Desafiar o medo do medo.
Desafiar o próprio desafio.

Do que têm medo as pessoas?
De perderem?
De que têm medo?
De ganharem?

De que têm medo?

Do desafio ser demasiado grande, ou de ser demasiado pequeno?
De perderem o que nunca tiveram, ou de não saber gerir o que ganharam?

De desiludirem-se o que tomaram por pura ilusão, ou apenas medo sem medo?

Desafio, a própria palavra é um desafio à nossa inteligência, à nossa capacidade de gerir momentos que sei serão inesquecíveis.

Não pelo momento menos bom, não pelo momento em si bom.
Mas apenas pelo momento, por ter sido todo ele um desafio.

Não será a própria vida um desafio?

Uma vida repleta de obstáculos contínuos no intuito de os transformar em desafios sem comodismos de toda uma vida.

NOSTALGIA!

Esta nostalgia que insiste em habitar na minha alma não há-de levar a melhor.

Qual tempo Primavera que dizem ter influência nostálgica.

Qual vida stressante que persiste em habitar no meu corpo.

Qual desculpa esfarrapada que não quero nem por sombras adoptá-la, só para que tenhas a consciência e dizer consegui.

É que nem pensar, é que nem que as minhas forças se esgotem apenas numa única luta, luta essa que é contra ti.

Em mim, serás apenas amiga quando eu disser e quando eu quiser.

Nostalgia amiga que dizes ser, serás sim, mas com uma única função e sabes qual é?

Nostalgia pura que insistes habitar na minha alma?

Apenas e só unicamente porque até os inimigos a que chamamos amigos se querem por perto, por isso, serei tua quando e como eu quiser.

Vai morrer longe nostalgia dura nua e crua, vai morrer longe e deixa-me viver sem ti, apenas porque eu assim decidi.

SEQUÊNCIA NOSTÁLGICA

Não sou nem de perto nem de longe pudica.

Não sou nem de perto nem de longe um ser confiante, confidente e presente quando ausente.

A minha postura é igual a tantas outras, a tantas outras pessoas que se dizem ser humanas, que se dizem ser verdadeiras, que se dizem gostar e ser tudo o que nos faz parecer os ideais de vida.

Sou o espelho desta humanidade, sou a alma imperfeita, sou o corpo ausente quando presente.

É claro que sou, sou humana, por isso, hoje deixo-te apenas e apenas por breves momentos habitar em mim.

Nostalgia Primavera e comodista que faz contrariar o eu enquanto eu.

Sim, aqui posso ser eu, aqui posso dizer o que feio parece ser dizendo apenas verbalmente.

Sabe sempre bem dizê-lo em ambiente diferente, camuflando a nossa orientação de ser mulher, amante e mãe de família.

Aqui posso depositar energias supérfluas que não consegui esgotá-las no dia em que disse, sim, é este o dia.

Sim, porque não me venham com histórias aquelas pessoas que nunca tiveram vontade e necessidade de gritar bem alto, uma asneira quente que nos alimenta e liberta do ambiente nostálgico que outrora deixámos habitar num corpo nosso.

Sei que nos faz parecer a futilidade em pessoa, mas no fundo, somos todos iguais sem preceitos e preconceitos, impotentes e cobardes, trapaceiros e desinteressantes, somos igual ao que chamamos racionais.

Sejamos realistas, sejamos uma vez na vida verdadeiros, não com os outros, mas para conosco próprios.

Eu diria antes, somos emoção, somos tudo menos racionais. A racionalidade é inferiorizada quando a emoção teima em ser co-rouda.

Porra de emoção, porra nostálgica que agora te deixei por breves momentos habitar em mim, mas lembra-te, habitaste apenas por breves momentos, não porque quiseste, mas porque queria a tua companhia.

IMORALIDADE, FRONTALIDADE OU AGRESSIVIDADE?

A imoralidade que habita no nosso mundo é uma constante.

As pessoas escrevem, pensam, falam e voltam a escrever o que supostamente moralmente fica bem, contudo, o tempo passa e com ele aprendemos a ver e a conviver com a imoralidade que em tempos chamávamos de moral.

É um facto que a imoralidade faz parte de nós, quem sou eu para contradizer esta constante, mas não deveria também fazer parte de nós o assumir dessa imoralidade?

Pois, no meu entender assim deveria ser, mas fica sempre uma dúvida, qual o verdadeiro conceito de moralidade, é que para mim a moral é ser verdadeira, amiga e, dura quando tiver que ser, pois a dureza faz parte da verdade, pese embora possa magoar, possa fazer sofrer e até fazer chorar, mas ter moral é ser moralmente verdadeiro.

Na filosofia a verdade absoluta não existe, na ciência a verdade até pode ser oculta, então poderei afirmar que existem vários conceitos para a mesma palavra, apenas depende só e unicamente de como se aplica, quem a aplica e o que está por trás dessa acção.

Imoralidade, essa constante que no mundo habita, que nas pessoas persiste e que fica sempre bem dizer “sou uma pessoa verdadeira”, “sou amiga dos meus amigos”, “não gosto de falsidades”, “não gosto de hipocrisia”, contudo, são essas pessoas que não assumem os papéis que ocupam nas suas vidas, as primeiras a praticar uma imoralidade que insistem em afirmar ser moral.

O facto está em assumir, eu assumo a minha imoralidade, eu não assumo a minha moral, porque o que hoje para mim é moral amanhã poderá ser imoral e o oposto também se aplica.

Deixemo-nos de falsas modéstias, deixemo-nos de falsos moralismos, assume-se e ponto.

Tudo fica mais fácil quando se sabe o que se espera do outro lado, pois, por mais transparente que seja, por mais imoral que pareça, saberemos sempre com o que contar.
Sejamos honestos connosco próprios.

Permitam-me esta observação.

A relação dita “digo-te depois” em aplicações virtuais ou em redes sociais, quer dizer exactamente o quê?

O que é que isto quer dizer? Não sabem se tem uma relação? Não sabem o que querem? Procuram algo? Não sabem se estão sós ou acompanhados?

Fico espantada pela quantidade de pessoas que se tornam dúbias na sua maneira de ser e estar na vida.

Não seria bem mais fácil, nada revelar se nada pretendem revelar, ou se nada encontram de acordo com a condição de vida que mais se assemelha à que vivem? Ou então se a moralidade habita como dizem habitar nos vossos seres, sejam honestos pelo menos convosco próprios, se assim não for, a contradição de uma condição de vida acaba por Vos atraiçoar sem licença pedir.

A frontalidade é um bem precioso do qual eu muito elogio, pese embora seja muitas vezes confundida com agressividade.

Não sou nada nem ninguém para apontar dedos, costume dizer que as acções ficam para quem as pratica, mas uma coisa é certa, sei ser suficientemente dura comigo mesma para revelar o que penso, sem preconceitos ou até mesmo sem receios de ser apontada como a seguidora de bons princípios que tudo fala e nada faz.

Esta é a minha moralidade, é a minha frontalidade que para muitos será sempre a minha agressividade.

via tudo à roda, parecia
que estava louca, o medo,
o sufoco, o sofrimento
era tanto que, a própria
adrenalina que se soltava
meu corpo, fazia de
modo a sentir, apenas
ficava e só
olhos se
a mesma se

A ARENA

Estava eu numa arena, o terreno era em areia, o pó que se levantava era cego, mas deixava muitos sentidos em alerta máximo. Estava atada a uma estaca de madeira, as mãos bem presas tentavam em vão soltar-se, a corda em volta da minha cintura magoava-me, mas não ao ponto de me fazer soltar um gemido.

Via tudo à roda, parecia que estava louca, o medo, o sufoco, o sofrimento era tanto que, a própria adrenalina que se soltava do meu corpo, fazia de mim o oposto que deveria sentir, apenas imóvel ficava e só unicamente os olhos se reviam nessa mesma adrenalina.

A plateia aplaudia.

Era uma plateia recheada de gente sem escrúpulos, uma plateia de mulheres bonitas, adornadas com peças preciosas. Apenas o brilho das peças era presente e sufocava na totalidade a beleza das mulheres, pois o prazer que tinham em ver sofrer outros seres igualmente humanos, mas que o destino assim ditou que as regras fossem feitas de modo inquestionável e incontornável, era superior à sua beleza que poderia ser a beleza mais natural que o planeta já tivera. O brilho do olhar das mulheres que orgulhosamente tapavam as mãos com a cara, deixando liberto pequenos espaços entre os dedos quando a curiosidade falava mais alto, era bem visível, ao ponto de ofuscar as pedras preciosas, os adornos e as autênticas vestes que tapavam os seus corpos nus e esbeltos de mulheres cobra que se deliciavam a libertar veneno e a sentir poder através do seu macho.

Queriam ver, queriam olhar, sentir de forma gratuita o poder através do seu homem mas que apenas olhavam o que queriam ver mas não queriam admitir.

Os homens por verem o seu poder aplaudido, o seu ego alimentado à custa de sofrimento alheio, inchavam-se de tal maneira que se sentiam poderosos no seu modo animalesco de actuar e presentear as suas fêmeas que os adoçavam incessantemente.

As crianças eram educadas e cresciam com a naturalidade do sarcasmo, do mórbido e do encanto pelo sofrimento dos impotentes.

O barulho era ensurdecador, o choro ausente, os gritos sufocantes, os pasmos aterrorizantes, a adrenalina...tudo, tudo sentia, tudo ouvia, tudo cheirava a um misto de dor e prazer.

Freneticamente o meu estômago remexia-se quando ouvia o rugir dos leões. As passadas dos animais aproximavam-se lentamente das suas presas. Essas presas éramos nós, era eu, éramos todos os que na arena de areia e de estacas de madeira estavam.

Os sussurros vindos da plateia rapidamente se transformaram em aplausos efusivos, em gritos de “suspense” e alegria, confinada à adrenalina que a arena soltava.

Um dos leões estava já junto a mim, cheirava-me e lambia-me as pernas. Eu estava apavoradamente quieta, mas o pânico não me permitiu. Soltou-se um grito assustador, olho para o lado e, vejo outro leão de patas erguidas nos ombros da sua presa, a ferrar os seus aguçados dentes no pescoço já ensanguentado e totalmente desfeito da presa que, não era mais que um humano como eu e, como outros que na plateia estavam e aplaudiam de pé um espectáculo de morte e prazer.

Foi como sentisse que o pior ainda estava para acontecer, senti um arrepio na espinha, um aperto no estômago, um sufoco sem tréguas e, quando tudo parecia perdido, quando apenas o sofrimento a dor e a morte eram a certeza de como eu iria sair daquela arena, acordo.

Estranhamente estava sentada e não deitada, estava precisamente acordada numa arena. Só que desta vez, não era eu a presa, eu apenas via sem aplaudir, eu apenas sentia com repugnância, sem querer de modo nenhum esconder o nojo que sentia ao ver louvar mesmo ao meu lado, pessoas como eu, com os mesmos adornos e as mesmas vestes, que cruelmente senti no sonho. A plateia estava repleta de humanos que se dizem ser, estava cheia de imundos e cobardes pessoas que se regozijam pelo prazer de ver a morte e fazer da própria morte um espectáculo.

Supostamente a vida quis presentear-nos como predadores. A diferença é que a presa deveria ser unicamente o nosso alimento de sobrevivência, contudo não o é. É também o nosso prazer de ver sangrar, de ver sofrer, de ver um touro debater-se pela vida, de ver indefesamente um animal que supostamente também é predador e agora passou a ser presa. Uma presa para alimentar uma festa, uma presa para adornar um espectáculo que os humanos insistem em fazer, em ser protagonistas e fazer desse mesmo espectáculo a própria morte.

É triste, é soberbamente nojento haver pessoas que não sabem, não querem e, fazem questão de mostrar que são pessoas de bem, não verem a sua própria limitação que, é tão grande que não conseguem atingir e ver a diferença da intenção que está por de trás do simples acto de matar.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, já Camões dizia. Tristemente concluo que a evolução humana é escassa, a memória é curta e os costumes e tradições que se dizem brandos não são esquecidos por esse mesmo motivo.

Matar para alimentar é completamente diferente do que matar ou fazer da morte o próprio espectáculo.

DESUMANOS INDECIFRÁVEIS

Nota: Não é um texto bonito de se ler, não é um texto qualquer, aqui imperam palavras desabitadas ao ouvido, que ferem sensibilidades e guilhotinam a alma. A coragem deve impor-se e a força também.

Somos feitos de carne e osso, de pele e órgãos. Somos seres vivos. Mas apenas vivos enquanto nenhum desafio completamente ininteligível nos chegar.

Nós não somos nada, não consigo descrever tamanha monstruosidade que não seja o nada, mas até nisso, o nada sentir-se-á ofendido, nem mesmo os seres irracionais fazem tamanha barbaridade que nós humanos fazemos quando postos à prova, seria outra ofensa para tão belos seres quando acabam por ser os mais assertivos nas alturas certas, pois sofrem calados e semeiam o aconchego.

Uma mulher cega de dor, ofuscada pela perplexidade do nojo, da baixeza humana, da realidade inacreditável de uma vivência nunca vivida.

Um grupo vivo que vê o pior com os olhos fechados. Vê apenas egoísmo, poder, arrogância, prazer. Sentem-se senhores de si e do mundo, um mundo que não existe para lá do nada, um mundo que se limita a quatro paredes e dentro delas reina o mais sangrento e desumano odor de maus tratos, chacina e violação.

As mulheres em tempos difíceis sempre foram escravizadas e, mesmo em desafios de mundos evoluídos serão elas as protagonistas de salvar a honra masculina, em prol do seu corpo e sentimento cúmplice e imperfeito por ser tão perfeito.

Uma mulher cega de dor que tudo vê e, um grupo vivo alheio à dor manifestam uma vivência e uma experiência do que é descer a um nível completamente indecifrável, pois não se trata da natureza humana, não se trata de seres irracionais, trata-se apenas do indecifrável, pois não tem nome, porque nem merece tê-lo.

É deveras chocante a dor que provoca, sentir que o poder é usado e abusado de forma cúmplice.

Doeu-me a alma, o corpo e, envergonhei-me de ser humana, de ver como somos porcos, sujos e imundos, sem querer saber o que tanto nos desune, quando em situações extremas é precisamente o bom senso que deveria reinar.

Cheirei-te tantas vezes e recordei-te outras iguais e, nunca me lembro de sentir odores a esperma de várias espécies ditas humanas, em conjunto com vaginas violadas e ensanguentadas, por homens que se dizem humanos. Chupei vários pênis com espermas misturados, pênis enfiados ora numa vagina, ora noutra, e quando o sabor era de um arrepiante nojo, o cheiro era insuportável, os digestos acompanhavam odores igualmente nauseabundos, havia sempre um mas, uma desculpa para satisfazer a sátira masculina por um pouco de comida.

Sacrifiquei-me cega de dor, mas não da vista, impotente e poderosa ao mesmo tempo, foi a minha fraqueza e a minha força que me fizeram sentir, ver e cheirar o que não era possível acontecer.

O meu próprio marido egoisticamente na cama com outra mulher, por compaixão deixei e, quando terminaram senti-me só, num mundo que não era o meu, que tudo via e já nada sentia. Sabia ser a única salvação da humanidade nos dias de calamidade, mas mereceria eu isto? Ou mereceriam eles sobreviver? Mereceriam por não poderem ver o que eu vejo, apenas e somente por isso.

— Oh meu Deus, como desejava estar cega neste momento, não via o que tanto me repudiava. E sabia ser certo que o desejo oposto era o contrário.

Um dia cá para fora viemos e a podridão, a leveza do que se é quando nada se tem, resume-se ao essencial para viver, resume-se a água e a pão. O resto? O resto não importa, apenas a chuva conseguiu lavar-me o corpo, porque a alma só o tempo o faria e, mesmo assim, seria a maior ferida que algum dia tivera.

Quando tudo parecia perdido e ao mesmo tempo no lugar, a paz habitou, a bonança chegou e a civilização fingiu aparecer.

Fez-se luz, o mundo acordou e voltou a ver. E quando viram senti-me perdida, pois habituei-me a viver cega de dor e ajudar quem de mim necessitasse, apesar de sozinha ter estado, habituei-me e senti-me por momentos segura em espaço habitável.

Quando a cegueira ausentou-se, queria eu voltar a cegar, mas agora não de dor, mas apenas para saber o que era sentir a protecção de alguém que outrora a dei mas nunca a tive.

Nunca pensei sentir saudades de ser cega de dor...

Este texto é baseado no livro “Ensaio sobre a Cegueira” de José Saramago. Um livro que li há muito e que me marcou não por ser um livro diferente do que Saramago nos habituou, mas pelo papel da humanidade que, afinal nada evoluiu quando algo inesperado acontece. Vi o filme e arrepiei-me de dor, senti-me nojenta por ser humana, por ser aquilo que tanto nos descreve... e tantas, mas tantas são as vezes que deixamos de ver o que realmente é importante como diferenciadores e, de facto, não era preciso ver, bastava apenas sentir... eu senti, vivi, chorei e disse, doeu-me, porque ainda padece.

EU PESSOAL OU EU PROFISSIONAL?

Quando somos crianças queremos ser adultos.

Entretanto existe aquela fase que nem é carne nem é peixe.

Nem é sim nem é não.

Não é pão nem é queijo.

É simplesmente a fase da responsabilização sem compromissos.

Uma falsa fase adulta que quer impor, mas não sabe gerir.

Uma fase sem respostas e sem perguntas.

Um nada misturado com um tudo ou, talvez o inverso.

Alguns anos mais tarde começamos a crescer verdadeiramente num âmbito profissional.

Aqui começamos a conhecer outras fases da vida, na vida e para a vida.

Aqui começamos também nós a conhecermo-nos melhor.

Aqui começamos uma nova fase.

Confrontamos o nosso EU pessoal com o nosso EU profissional.

E a minha pergunta é tão simples, mas acreditem, ainda não obtive resposta, incrível não é? Passo a explicar.

O que fazer quando o nosso EU pessoal se confronta com falsos moralismos que nos “obrigam” a ser um EU profissional diferente do nosso EU pessoal?

O que fazer quando o nosso EU pessoal vai de encontro a hipocrisias camufladas e nos “obrigam” novamente a que o EU pessoal seja invadido pelo EU profissional?

Porque terá o EU profissional que ganhar terreno em relação ao

EU pessoal?

Porque terá o EU pessoal que subjugar-se ao EU profissional?

Para falar a verdade, as respostas até são fáceis, são perceptíveis e até claras, contudo, até que ponto podem ser factíveis?

Quer dizer, factíveis também podem ser, contudo, poderão ser factíveis eternamente?

Creio que não.

A sociedade que dela não me excluo, faz questão de vingar sobre falsos princípios onde a hipocrisia vai ganhando terreno, o poder vai tomando conta e a falsa modéstia mascara-se de inocência.

Sabem uma coisa?

Se eu não fosse tão covarde, se eu não fosse tão comodista por gostar de viver bem, não aceitaria subjugar-me a quem do poder usa e abusa, a quem da razão é tirada e dada a quem dela não faz parte, a quem encobre lambe botas e principalmente a quem recepta apadrinhamentos.

Porque nos convidam a ser francos usando demagogias para que nada tenhamos e nos sintamos bem no nosso local de trabalho, se aquando de uma confrontação de sinceridade somos logo colocados em cheque sobre tudo e todos, de forma acutilante, enganadora e bem camuflada?

Afinal porque crescemos nós?

Afinal qual a finalidade do nosso crescimento?

Afinal crescemos para o nada ou, para o tudo?

Crescemos no berço, no recreio, na escola, na profissão, nos intervalos do nada, mas crescemos.

Crescemos em tamanho, em poder, em arrogância, em dinheiro, crescemos, é um facto, disso não há dúvida, mas será que crescemos com dignidade?

Porque será que não conheço ninguém, mas absolutamente ninguém que esteja no topo e seja uma pessoa digna?

Porque será que não vislumbro alma viva que esteja em cargos de decisão, mas que seja igualmente uma pessoa honesta?

Porque será que não encontro ser algum que o dinheiro o abonou, mas o mesmo não abdicou dos princípios de vida?

Porque será?

Porque será que por terem cargos ditos importantes, quer sejam directores, subdirectores, chefias intermédias, presidentes, administradores, ministros, deputados, médicos, advogados, enfim, cargos a que a sociedade se habituou a chamar “Cargos de Relevó”, esquecem facilmente que são primeiro humanos e só depois profissionais?

Porque será que um ser que primeiramente é humano e só depois de atingir o apogeu de uma carreira profissional, não deve ser confrontado com a sinceridade, questionado de forma igual sobre determinados assuntos que pelos vistos por serem delicados, não fica bem serem questionados?

Disseram-me com falinhas mansas e com frases floreadas que de facto não ficava bem.

Ora me desculpem mas de facto a minha opinião é bem diferente.

O cargo não deve proteger ou apadrinhar tudo e todos.

O poder não deve descurar verdadeiras responsabilidades.

O topo não deve ser ilibado só porque a patente é maior.

Antes de sermos profissionais somos todos, mas todos sem excepção, humanos e igualmente pequenos. Por isso, não aceito e não posso permitir-me compactuar com meias verdades, com ausência de ouvintes que decidem mas nada fazem.

Apenas querem brilhar, serem alvo de boas críticas e comodamente partilhar sucessos, colocando os insucessos para guerreirinhas ou as chamadas quintinhas de empresa que, são apenas e só unicamente geradas e confirmadas pelas hierarquias de topo.

Tenho dito, é um facto... mas não o tenho feito.

Eu sei, sou covarde e gosto igualmente de comodamente viver bem, logo, como posso pensar o que penso?

Não posso, pois quando tentei desfazer o que achei mal, fui colocada em posição de alerta e simplesmente me acabrunhei e me desalentei.

Daqui nascem as minhas questões, daqui me questiono.

Valerá mesmo a pena camuflar o meu EU pessoal em prol do meu EU profissional?

O que me está a custar?

Muito, a minha dignidade e a aniquilação completa do meu EU pessoal, o que para mim não tem, nem nunca terá um valor associado, pois sou EU e assim quereirei continuar a ser, apenas um único EU, sem divisão de classes, hierarquias ou, o que daí possa surgir.

Afinal não foi para isso que cresci!

Passei igualmente pelo berço, pelo recreio, pela escola, pelos intervalos do nada e igualmente pela profissão.

Posto isto, quero continuar a crescer, mas crescer com a dignidade que ela merece, por isso apenas questiono.

Deixem-me ser EU ou deverei dizer, deixo-me ser EU? Saberei ser o exemplo quando quem o deveria dar, não o dá?

Não sei, mas o tempo o dirá...

O TEMPO CHEGOU E DISSE

- Preciso de ti

- Preciso que me ampires e me protejas
- Preciso que me compreendas e me elucides
- Preciso que me acordes e me adormeças
- Preciso que me alimentes e me mimes

- Preciso que me escrevas na alma
- Preciso que me leias na cama
- Preciso que me cortejes a fauna
- Preciso que me rasgues a chama

- Preciso e quero-te a ti
- Preciso e saboreio-te em ti
- Preciso e devaneio-me sobre ti
- Preciso e controlo-me por ti

- Simplesmente porque preciso de ti
- Simplesmente porque gosto de ti
- Simplesmente porque me desfaço sobre ti
- Simplesmente porque estudo por ti

- O que gosto de escrever em mim
- O que gosto de mensurar de mim
- O que gosto de antever em mim
- O que gosto de rabiscar de mim

Foi apenas um momento...

Mais um momento de descontração numa hora de almoço ainda por alimentar...

Alimento-me da escrita e do tempo que me entrego a ela... apenas me alimento...

MÁSCARAS DE VENEZA

Não gosto do Carnaval, gosto apenas de ver máscaras de Veneza ornamentadas com tintas de mão.

Não gosto dos fatos, ou por outra, ausência de fatos que espalham calor, sem calor terem, disfarçam sorrisos sem sorrirem por dentro e criam festejos sem nada para festejar.

São ícones disfarçados do nada.

Por ser Carnaval não têm o direito de afirmar que ninguém leva a mal.

Infelizmente confunde-se cada vez mais o direito à Liberdade com a libertinagem.

A Responsabilidade essa, fica de lado, pois querem Liberdade, mas não querem ser Responsáveis por tais actos.

O Carnaval não é mais do que três dias em que as pessoas depositam as suas frustrações em carros alegóricos e cantam cantigas sem nada dizer.

Gil Vicente cantava, dançava e provocava, fazia-o directamente na Corte e para a Corte, o alvo era o Rei e, directamente o enfrentava com as suas cantigas de escárnio e mal dizer, com os seus Autos e as suas Barcas.

Esta é a diferença entre enfrentar apontando e apontar sem enfrentar.

Hoje escondem-se por trás de máscaras camufladas de falsidade e hipocrisia, sem saberem muito bem o que dizem ou o que fazem.

É uma espécie de arrasto em multidão, onde existe multidão, o povo está lá, onde existe desgraça, o povo está lá, mas... e onde existe bom senso, sabedoria, inteligência, cultura, por onde anda o povo?

Em casa a ver novelas e a ler revistas que nada ensinam e apenas iludem sabedoria, por saber que dali irá gerar tertúlias sem nexos e dinheiro para depois dizerem que o Governo é culpado.

Meus Senhores e minhas Senhoras comecem a olhar para o que fazem e deixem de atribuir culpas a quem todos sabemos que as costas já são largas.

Todos gostam do Carnaval por saberem ter mais uns dias sem trabalhar, eu também gosto dessa parte, assumo-o e pronto.

Agora, não me peçam para gostar de falsos moralismos, de calor humano, quando nem o sol brilha, de imitações baratas e autarquias corruptas.

Enquanto o dinheiro falar mais alto, enquanto falsos festejos todos festejarem, enquanto brincarem com valores humanos, enquanto permitirem a libertinagem habitar, enquanto tudo em dias para esquecer se faz e ninguém criticar, não digam que a culpa é do Governo, não apontem o dedo sem saberem olhar primeiro para dentro das Vossas casas, depois de as observarem bem, então poderão olhar para casas alheias, até lá... aprendam a gerir-Vos, no que concerne a sabedoria, auto-estima, partilha de verdadeiras emoções, bom senso, inteligência e até humor quando feito bem-humorado.

Não gosto do Carnaval.

Gosto apenas de ver máscaras de "Veneza" ornamentadas com "tintas de mão".

SEREI EU DIGNA DE TI

Serei eu digna de ti?
Pequei sem pecar
Amei sem deitar

Serei eu digna de ti?
Mulher digna e única,
Só a tua e isso já tu tens.

Serei eu digna de ti?
Afinal mais digna é
Quem contigo vive.

Serei eu digna de ti?
Como, se nem a dignidade
Em mim habita?

Serei eu digna de ti?
Como, se nem eu sei ser
Digna de quem comigo vive?

A dignidade apenas habita
Em dois lados, em dois seres
O ser que contigo vive, e
O ser que comigo vive.

Nunca serei digna de ti, quando
A verdadeira dignidade habita
Contigo, e eu... eu apenas sou...

Indigna de mim mesma...

SOLIDÃO SOZINHA...

Os dias passam, vejo-os lá fora a brilharem e eu cubro-me de solidão por receio de me expor, de sentir o que já sinto mas temendo admitir.

Invoco musas e desculpas para me esquecer do tempo, dos dias que passam e da solidão que me chama mas que agora não a quero.

Entretenho-me com escritos e desabafos de pessoas com iguais sentimentos demonstrando ser solitários também.

Tento devanear e dar forças sem mostrar fraqueza, pois essa, essa é para ser resguardada da vista e apenas sentida quando sozinha estou.

Fico encantada, facilmente fascinada quando sinto que me querem ler, que me desejam por ser a força e a admiração, por ser mulher com garra e determinação.

Mais enfeitada fico quando comigo partilham sabedoria, só a encontro nas pessoas mais velhas, é certo, a vida ensinou-lhes a experiência que só mesmo a vida sabe dar. Por isso, fico mais extasiada rompendo os laços com a solidão, por me sentir acompanhada na leitura e na escrita, na devoção e na compreensão.

Os dias passam, vejo-os lá fora a brilharem, forço-me por ir ter com eles, sentir-me aconchegada pelo calor do dia e amparada pelos raios do Sol, mas desta vez, desta vez não estou a conseguir, não estou a permitir-me chorar e até mesmo ficar, apenas ficar, assim... sem nada para fazer, sem nada sentir.

Obrigo-me a escrever, a estudar, a ler... obrigo-me o que naturalmente em mim fazia por querer e, agora, agora obrigo-me a não ficar escondida por vergonha de mim, por estar assim, sozinha, sem companhia, sem solidão, porque até essa está a ficar farta de me aturar, sei que estou insuportável, porque umas vezes enxoto-a, outras chamo-a e ela está a chegar aos seus limites.

Como foi possível chegar onde cheguei, antevendo e prevendo e nada ter feito? Deixei que me inutilizassem, deixei pisarem-me para saborear também eu, o que tanto apregoava mas não sabia sentir...falar até falava, e bem, mas sentir, essa, só quando nos toca, nos atinge e fere é que sabemos o que é realmente...

Falei muito e senti pouco.

O sentimento quer soltar-se, por isso, terei que lhe dar voz e calar a fala.

Por isso, devaneio-me na escrita solitária mesmo que daqui nada saia. Mas é o meu aconchego, o meu refúgio que me ampara e protege deste desgosto, por saber que até a solidão em mim não quer mais pernoitar...

A escrita que ainda não
foi escrita consome-me
por estar constantemente
a pedir-me que a escreva,
por estar dentro de mim
e implorar-me para a
largar, soltá-la no papel
pois é lá que é o seu
lugar.

SÃO MINHAS, POR ISSO, SOLTO-AS...

Quero escrever, quero continuar a escrever e a ser lida, relida e aplaudida.

Está a custar muito entrar neste mundo sapiente de elites, viver neste imaginário real mas tão irreal também.

A escrita que ainda não foi escrita consome-me por estar constantemente a pedir-me que a escreva, por estar dentro de mim e implorar-me para a largar, soltá-la no papel pois é lá que é o seu lugar.

Tento à viva força guardá-la só para mim, pois sei que neste mundo literário onde a partilha deveria ser encantada e até devorada, não é mais que uma ilusão, por isso quero resguardá-la de vozes que ferem, de sentimentos que açoitam a alma e apagam a energia que ela sabe que a tem, por isso insisto em abrigá-la da vida que não é vida e da solidão que nos deixou, por estar ela também desiludida, por ser tão incompreendida.

Depois da solidão nos ter deixado, ficámos apenas as duas, eu e a escrita, mas até ela quer de mim livrar-se, por se sentir presa como fiz com a solidão. Prendia-a dentro de mim até ela sufocar e suplicar que a libertasse.

Libertei-a, pois senti que a estava a magoar, a matar até, por isso soltei-a e, e agora a escrita que viu que também ela pode ser livre, implora-me que a largue no papel, pois é lá que é o seu lugar, o seu espaço e o seu sítio ideal.

E assim me desfaço das minhas maiores amigas e aliadas, da escrita que estou a largar por estar a escrever e, da solidão que de mim se fartou por a ter prendido com medo de sofrer.

Agora, sozinha, sem escrita e sem solidão estou de novo a aprender a viver, isolada, solitária até, mas sem a solidão que me acompanhou e agora me abandonou.

Ainda consigo ver a escrita, porque ela de vez em vez pernoita em mim e eu deixo, pois aprendi que amar é soltar, é viver e deixar viver sem nunca aprisionar, por isso suplico...

— Volta solidão para mim, ampara-me e aconchega-me, pois sinto-me demasiado solitária sem ti e, desta vez não mais te algemarei, pois aprendi que em mim permanecerás mesmo que eu te solte, pois de mim já fazes parte e eu de ti sou parte integrante.

Vivamos novamente as três com asas de liberdade, deixarei soltar as letras e permitirei que tu solidão, te tornes na nossa companhia, por nos sentirmos solitárias sem ti e tu sentires saudades de nós, mesmo que saibas que em nós sofreste, por nós amaste e, agora queres apenas ficar sem as amarras, de nós cuidar para voltares a abraçar, como se fossemos as tuas presas e tu a nossa predadora.

Regressa e ampara-nos deste imenso descampado isolado que agora nos quer, e nós apenas a ti te desejamos por seres a nossa solidão, a nossa compreensão, a nossa aura de paixão que em ti escrevemos e por ti soltamos letras no papel pois, é lá que são devoradas por almas várias que ainda acreditam, que são elas a pureza de um ser que partilha escritos por querer ser lida e relida, ouvida também e porque não aplaudida?!

TEMPEROS MOLHADOS...

Gosto do silêncio da chuva atropelada pela trovoada
Da água que escorre barulhenta e sedenta
Do clarão em chamas que o trovão nos cega
Do odor a terra molhada

Do cheiro da planta borrifada com gotas que de cima caem
E no chão nos presenteiam com poças e salpicos de lama

Gosto!
Gosto de me deitar banhada no charco e suja ficar
Por lá me deixar e por lá quedar

Humedecida pelo tempo que me escorre no corpo
Regada com raios de Sol escondidos mas inofensivos
Ensopada de lama para melhor me sentir
Molhada com lodo e no chão ficar

Assim, acompanhada...
Guardada pela clara sujidade que a chuva me lava

e a trovoada me seca.

SILÊNCIO AGITADO

Sinto-me sozinha nesta vasta casa recheada de cores, neste meu jardim a que apelido de refúgio, neste espaço que é meu, que gosto que me sinta sua por senti-lo igualmente meu.

Mas mesmo assim, quando a casa recheada de cores está acompanhada pelo eco dos risos das crianças, e pelo silêncio gritante do homem, sinto-me na mesma sozinha.

Sinto-me sozinha quando sozinha estou, por isso procuro companhia no meio da escrita, na troca de letras, nas palavras que busco e por elas chamo.

Sinto-me sozinha quando acompanhada estou, por não me conseguir fazer ouvir ou talvez sentir, por tudo me fazer doer e não perceber porquê...

Tudo questiono quando a companhia me visita, pois quero a solidão... mas divago igualmente no meio da escrita quando sozinha estou, por querer a companhia...

Não me entendo e procuro-me quando escrevo...

Mas quando escrevo também não me encontro e procuro a companhia.

Fico-me pela casa e pelo jardim, troco cores no refúgio e divago sem fim.

Descanso o sossego, pois procuro o barulho para deixar fugir o silêncio, e quando o ruído chega, atravesso-me no meio dele e impeço-o de entrar, ele zangado vai e deixa-me novamente com

a quietude, empurrando o silêncio para cima de mim, como se de uma vingança procurasse, como se tivesse ficado ofendido por o ter expelido.

Tento explicar-me para ele melhor me compreender, mas também não consigo.

Quando despeço-me do silêncio quero este turbilhão que me visita e me faz sentir assim, devaneada e desesperada por esta busca incessante do barulho agitado.

Quando mando entrar a confusão para calar o silêncio, a busca em mim continua sem perdão, pois também não é esta a companhia que me reconforta.

Poderei algum dia ter as duas em simultâneo?

Poderei algum dia viver com as duas como se ambas de mim fizessem parte?

Não uma de cada vez na mesma vida, mas sim as duas ao mesmo tempo numa vida inteira, seria eu mais serena e menos intensa?

Procurem-me então, atropelem-me com a vossa visita, combinem muito bem as duas o dia e a hora em que por esta casa entrarão, por este jardim em que me refugio andarão, e assim, talvez eu me vá, e assim, talvez deixarei de procurar, e assim, talvez de mim não mais precisarão, pois ambas se encontrarão e eu a sós vos deixarei para melhor se conhecerem, e assim, talvez se completem...

Procurem-me e eu cruzarei as duas, para em mim apenas habitar o meu corpo, o meu corpo sem alma e sem sentimento, mas meu.

Pois hoje quero apenas o corpo, porque a alma está cansada.

DISSERTAÇÃO DA PALAVRA

A palavra que deve ser sentida antes de ser escrita é para muitos apenas isso, uma palavra.

Uma palavra que se junta a outra e que até pode nem significar muito na sua vida, mas tem é que rimar para ficar bem, para olhares terceiros verem que também ela, a que se intitula dona da palavra no momento em que a escreve, sabe sentir e colocar no lugar certo a palavra correcta porque rima e faz fervor nos ouvidos de quem lê.

Mas não.

Engane-se, porque não é assim que chamamos a atenção ou vingamos onde queremos apenas porque fica bem.

Engane-se, porque não basta escrever, não basta saber escrever, não basta sermos sapientes por um todo e depois faltar-nos o essencial.

A sensibilidade, a força interior que a palavra provoca em nós, saber sentir o que se escreve em cada momento, em cada letra, frase composta de palavras que vêem e sentem igualmente porque nos entendem, porque ela sabe de quem dela toma conta, porque ela, a palavra, sabe exactamente quem a usa com sabor a sentir e, quem a usa com desgaste por pedir o poder sem pudor.

É este sentir, é esta força que marca sem ver, é esta sensibilidade que a palavra quer, que a palavra precisa, que foca energias e sinergias, deixando-se levar sem receio ou medo, porque sabe que não importa como a levam, porque sabe que dela cuidam e nunca mal a tratam, mesmo que ela seja feia, mesmo que seja uma palavra que nem nos visite muito, mesmo que seja aquela palavra que muitas vezes se faz cara mas que afinal habita na mente de todos nós, mesmo que também seja a outra, a palavra curta que foca o essencial e apenas diz o que quer e o que sente, no momento exacto em que outra se liberta para uma asneira soltar, não importa, porque sabe que todas elas, todas, mas todas são cuidadas de igual forma porque são letradas, adoradas e adornadas.

Por isso, não basta saber escrever, não basta juntar um mais um para ser dois, não basta fazer uma rima e dizer: - já está... Não!

A palavra é muito mais que isso, a palavra merece muito mais que tudo isso junto, a palavra é Dona de si mesma, é altiva, serena e espalhafatosa quando quer, altruísta mas solitária também, porque sabe que quando nela não pegam, é com ela que estará, apenas com ela e mais ninguém, por isso ser desinteressada de tudo e de todos, mas sabendo sempre exigir que por ela se interessem.

Porque ela, a palavra, sabe que a palavra não é apenas uma palavra, nem duas nem três, mas sim Alma de alguém com nome de Palavra.

REFÉM DA PALAVRA

Sou refém da Palavra
Sou refém de quem amo
Refém da própria vida
Refém de mim

Sou refém até da liberdade que tenho mas não gozo

da solidão e o do silêncio que me aconchegam.

Sou refém da Palavra que desgraçadamente omite a quem bem quer.

Refém da Palavra que mente por amor, mas não se cala no ódio.

Sou também refém da Palavra que atropela a Alma quando se sente presa, por não a deixar soltar-se.

Mas ela, a Palavra, também sabe calar-se por receio de magoar.

É ela, a Palavra, que em mim se refugia
que em mim se denuncia
que em mim se oculta despindo-se apenas quando se sente livre, porque sabe que a escrevo.

Sou refém de ti, Palavra, por seres igualmente minha refém.

SILENCIOSA SOLIDÃO

Oiço músicas várias que me acompanham na minha demanda interior.

Escrevo letras para compor e dissertar também.

Perco-me dentro de mim, nos meus pensamentos e devaneios.

A solidão permite-me estar na companhia da música, consente isolar-me do mundo, refugiando-me nas minhas letras, deixando-me soletrar, cantando, escrevendo, pensando.

Gostamos ambas de estar sozinhas.

Gosto dela, da solidão, do silêncio também, gosto das minhas duas e maiores companheiras de vida, elas são equilíbrio e emoção, penetram-me para me alienar por um todo no seio da multidão.

Companheiras de vida distante, que muitos denunciam por pena e, não por crescimento.

Pena tenho eu de quem não sabe apreciar os momentos que elas, a solidão e o silêncio, nos proporcionam.

Pena tenho eu por não as saber valorizar mais e melhor,

Elas a mim tudo me dão, presenteiam-me até, e eu?!

Eu apenas delas abuso com plena consciência que sem esta silenciosa solidão, seria simplesmente uma triste e vulgar pessoa que, tudo mostra e nada é.

PAPOILA SELVAGEM

Rosas

Lírios

Tulipas...

Flores ornamentadas não pela natureza, mas pela mão do homem.

Não as sinto nem as aprecio, não saboreio o seu odor e não me deleito nas suas pétalas sem brilho.

São apenas flores, flores presas, flores caprichosas e artificiais, por estarem vestidas para o momento e não para a vida.

São elites sociais por saberem que o momento pode ser eterno, por saberem que as suas são eternas mas não no momento.

São flores de jarras que enfeitam extravagâncias, que denunciam cantos mortos e disfarçam enfeitando.

São flores traiçoeiras que enganam as suas, camuflam a frescura e encobrem o brio.

Prefiro regar-me em campos silvestres com Papoilas da vida que, naturalmente se encolhem quando colhidas. De uma genuína beleza, a sua cor é única, de sangue puro, veste-se na Primavera e aos poucos, no Verão, se despe despedindo-se de nós, porque de igual momento é feito a formiga que alimenta o seu Verão para descansar no Inverno.

De instintos sobreviventes são feitas as papoilas, as formigas também, são naturalmente belas sem precisarem de encantar cantos escondidos ou ornamentar locais perdidos.

São livres, crescem em campo aberto e despem-se para nós, alimentam-nos a vista quando não tocadas e não colhidas.

São prazeres eternos em todos os Verões, são delírios de saudades quando sabem que vão, mas sabem igualmente que mais tarde chegarão, não neste, mas no ano próximo que se avizinha, se nós o permitirmos, se nós desalmadamente não as colhermos, apenas porque gostamos e esquecemos que elas morrem, porque lhes tiramos a vida, quando da terra lhes privamos.

Permito-me sem elas ficar e quando delas necessitar, vou eu ter com elas ao invés de elas virem comigo, porque gosto, gosto demasiado das Papoilas para as matar, apenas e só pelo meu belo prazer de gostar e não amar.

Papoilas, flores silvestres e campestres, deleito-me nelas e por elas, sem as machucar ou colher, sei que elas de mim gostam por se elevarem com brilho próprio de flor natural, por saberem também elas, que eu delas cuido, não as colhendo e apenas apreciando por gostar demais, destas flores vermelhas a que chamo de Selvagem, Papoila Selvagem.

Mergulho, mergulho-me
para te sentir nu,
sentires-me tua, sentir-te
em mim, dentro de mim,
provocando e saciando,
desafiando e
confrontando e
mais e melhor, excitando
até, para me elevar,
abandar, sacudir,
estremecer, erigir, expelir
e até repetir, sem cessar,
sem parar, com furor,
com delírio, desvario e
frenesim sem fim.

MERGULHO SUBMERSO

Mergulho em lágrimas escondidas que se alimentam de sonhos não acordados.

Mergulho para adormecer o sono, a vida e a morte também, para me saciar apenas em prazer e sensualidade de paixões fortes que não nascem, porque não vivem, não morrem, porque não existem.

Mergulho e desfaço-me em ausência e dúvida, ânsia e anseio, vida e desejo, porque destes fortes batimentos cardíacos sou feita, mas apenas mergulhada em água temperada e por vezes gelada.

Mergulho em ti apenas na Alma, no físico não te sinto, e tanto te quero, e tanto te peço, e tanto te imploro que em mim me penetres, com alma, a tua alma, e mergulhes com a força da paixão que há em mim.

Mergulho-me para não sentir solidão e desamparo, para não sentir devaneio crítico, para fugir de mim, porque de mim o perigo é feito, e eu dele preciso.

Mergulho, mergulho-me para te sentir nu, sentires-me tua, sentir-te em mim, dentro de mim, provocando e saciando, desafiando e confrontando cada vez mais e melhor, excitando até, para me elevar, abanar, sacudir, estremecer, erigir, expelir e até repetir, sem cessar, sem parar, com furor, com delírio, desvario e frenesim sem fim.

Mergulho, mergulho-me para me esquecer de quem de mim esqueceu.

CAPRICHOS DE UMA BARRIGA

Dizem que as ondas do mar fazem bem ao corpo, gasto pelo tempo, quando nele reventam.

Uma barriga que pariu e não encolheu, ficou enrugada e lânguida, tendo inclusive os músculos mortos, fazendo perder a sua natural elasticidade.

Dizem que o reventar das ondas do mar, quando violentas, devem nestas barrigas mortas esventrar.

Dizem, não sei!

Mas quis acreditar que assim fosse.

Depois de duas vezes parir, matei a barriga que carregou vida e, agora, quero renascê-la.

Quero senti-la novamente minha, e não apenas carne morta com pele apagada.

Quero fazê-la rejuvenescer, revigorante e musculada.

Dizem que as ondas do mar fazem bem ao corpo, que o seu reventar devem nestas barrigas penetrar.

Assim foi.

Coloquei-me propositadamente de frente para as violentas ondas.

Queria acreditar que, a barriga agora morta, enrijecia depois das fortes rebentações das ondas do mar, nela tocarem.

Assim foi.

Desafiei a dúvida e a natureza, provoquei o mar e desrespeitei as ondas.

A maré estava a vaziar e a força com que o mar recuava era demasiado forte, para me sustentar, para me levar.

Um mar de maré com ondas salgadas e de consciência tranquila, nada temia, era a sua natureza, a sua força, a sua vontade.

E eu, eu não recuei, por ali fiquei a desafiar a bravura das ondas, senti em mim o poder e a força das vagas sem perdão.

Quis rejuvenescer a barriga e esqueci-me do corpo. De um corpo ainda vivo e por viver, que dele apenas a pele o tempo igualmente levou, mas bem de saúde se encontrava, sem haver a necessidade de renascê-lo também.

E, por capricho de uma barriga morta pelo tempo, levei também o corpo.

O mar levou-me, arrastando-me com ele enquanto vazava, e com ele finalmente matei a barriga, mas o corpo também.

Saciado por me ter, o mar acalmou e a maré vazou.

É PRECISO TER ALMA PARA LER

É preciso ter Alma para Ler.

É preciso ter Alma para entender, compreender o que se lê.

É preciso igualmente ter Alma para escrever o que nela vai, nem todos o sabem fazer, é certo, mas todos têm Alma, e essa, não necessita de aprendizagem canónica, é a vida que dá vida à Alma dessa escrita, porque foi com ela, a Alma, que escreveram o que sentiram.

É preciso gostar de ler e, não apenas fingir que se lê, que se gosta do que se está a ler.

Interiorizar o seu conteúdo, saber interpretar e comentar se preciso for mas, apenas, se comentar com gosto e prazer, não pelo simples facto de dizer, gostei. Isso, nada diz, diz que passou por ali e por ali deixou, não uma marca, não um símbolo, mas um nada, porque de nada foi feita essa passagem.

Comentar um poema é alimentar uma Vida.

É saciar a sede que se tem por gostar de ler, por gostar de ser lido, por gostar de ser comentado até, mesmo que nos doa, mesmo que nos fira, é preferível do que um simples “gostei”.

Essa dor que pode ferir-nos, revela que nos leram, que conosco estiveram, que passaram por nós e marcaram-nos, com dor, é certo, mas soubemos que dessa dor nasceu a diferença de um comentário rígido, é igualmente certo, mas diferente do comentário de um “simples gostar”, que demonstra indiferença e não deixa marca porque dela nada ficou.

Por nós estiveram, por mim me leram, por nos gostarem, por me gostarem, mesmo que comentem o que não gostamos, é sinal que nos gostam, porque nos oferecem a frontalidade, deixando de lado a imparcialidade e a futilidade de um “gostar” sem saberem ler o que na Alma nos (me) vai.

Escrevo tudo o que a Alma me transmite, alimento-me saciando-me cada vez mais e mais, com as letras e as palavras, com frases sentidas e sofridas também, porque da escrita nasce o texto, mas da dor nasce a Alma, a sua grandeza espelhada em letras soltas, que compõem um corpo e penetram a escrita.

Por isso, ignoro o “simples gostar”, pois apenas deixam um nada de uma passagem que não vingou, abduco dessa palavra, por a mesma não se mostrar reveladora de uma sensualidade, de uma certa carnalidade até, demonstrando que sabe interpretar e tem igualmente prazer em aliar-se a outras palavras, para melhor explicar o que na sua Alma sentiu, ao ler o que leu.

RÓTULOS DE UMA JUSTIÇA CORRUPTA

Quando iniciamos o nosso crescimento, os nossos companheiros de eleição deveriam ser os valores morais, éticos e pedagógicos, começando obviamente em casa e, tornando o seu processo contínuo na escola.

Mas desta vez, até na escola, nos muros interiores que tanto dizemos estarem protegidos, os valores escasseiam, compram-se notas, vendem-se favores e, quem o exemplo de humanidade deveria dar, não o dá, pois, as suas livres e espontâneas vontades de se prostituírem no poder, são maiores que a vergonha que deveriam ter.

São animais sem escrúpulos, aparentam demonstrar serem pessoas sérias, de bem, demonstram inclusive uma escola onde a ética é fundamental, mas enganem-se, ela está camuflada, a pedagogia que deveria ser isso mesmo, um acto pedagógico, construtivo, é essencialmente destrutiva, derrubando os alicerces dos jovens, transformando-os em fraquezas, apontando consecutivamente o dedo ao ponto de os desmotivarem.

O ponto de ordem é o grito, um incessante grito por não se saberem impor.

O agarrar deixando marcas no corpo e o ameaçar verbalmente são considerados modelos pedagógicos a seguir, contudo, apenas o corpo docente o pode fazer, pois, estes modelos intitulados pedagógicos, os jovens não os seguem e, ainda bem, mas, que modelos, que princípios devem estes adolescentes seguir? Podem eles ser jovens na sua verdadeira essência da palavra?

Não! Não podem.

Apenas porque são jovens.

Mas, não são jovens rebeldes nem indisciplinados.

São jovens que gostam de correr, gastar energias porque o corpo o exige, mas não têm onde as gastar, pois, os campos de futebol deram lugar a parques de estacionamento, a asfalto cinzento que fica recheado de poças castanhas quando o Inverno chega, também não podem pisar a relva, nem andar em grupo, nem podem sequer jogar ao peão, nem andar de patins, nem de skate e, deste modo, onde gastam eles a energia? Dentro da sala de aula, pois outros locais foram-lhes vedados, inclusive, até o horário.

O relógio de ponto não existe, o toque de entrada e saída também não, nem tão pouco relógios fixados nos corredores podem igualmente existir, isto tudo para quê? Para criar disciplina, ordem e responsabilidade. Pergunto? É assim que se consegue criar o que se apregoa? Façamos o exercício ao contrário. Não tenho relógio, estou perdida no tempo, chegarei tarde ao trabalho, mas o tempo deverá recuar, pois deverei saber ler o tempo através do próprio tempo e, afinal, onde está o progresso se tenho que saber as horas pelo tempo, olhando o céu e “rezar” para que o tempo que os humanos até o modificam, não se engane, para eu não me enganar também.

A fila para o refeitório ou para a cantina é feita em silêncio e, por ordem académica, os professores, esses, têm sempre prioridade, não respeitando a vez mas exigindo que o aluno a respeite.

São constantes exemplos de uma escola que proclama a pedagogia mas, não faz mais nada senão contrariá-la.

O que importa são as estatísticas, os gráficos, o *show off*, o ficar bem na fotografia, no *ranking*, isso é que é verdadeiramente

importante, ensinar quem sabe é a honra, a vitória, pois, a quem não sabe, dá muito trabalho, e isso, fica para outros, os explicadores que ganham a sua vida por gostarem de ensinar.

Estes jovens, traquinas, é certo, mas nunca rebeldes, acabam por ser facilmente rotulados no seu percurso académico, por a justiça se ter tornado corrupta, por os grandes comprarem a honra dos que representam as entidades competentes, por a honra ser facilmente vendida e desonrada por aqueles que mais apelam à sua defesa e, estes jovens que nada fizeram e apenas pecaram por serem isso mesmo, jovens, são rotulados academicamente para posteriormente se prolongarem no seu percurso profissional.

Pergunto?

Onde está a justiça? Já sei. Está a dormir com a corrupção, prostituiu-se em troca do poder e, até convidou a educação para com eles se deitar, esta, não se fazendo rogada, quis igualmente poder, aceitando sem hesitar deitar-se na mesma cama que deveria denunciar.

Hoje em dia facilmente se dorme com a justiça, faz-se dela a sua vida, a sua escrava, a sua cega e brilhante amante colocada num pedestal, e de lá não cai, nem quebra, nem tão pouco se parte em pequenos ou grandes pedaços, mesmo que fosse apenas com o olhar da revolta, imposta pela própria justiça da injustiça.

Rotulam, mentem, apagam a verdade, camuflam a certeza, encobrem a exactidão, escondem e ocultam os factos, são eles, os camaleões que no início declaram fazer justiça, mas no final, e depois de cartas postas na mesa, jogam o tudo e o nada e, quando jogam, até a honra vendem, pior, dão-na, prostituem-se intelectualmente em troca de luxúrias e favores que não são mais do

que poderes, poder, grandeza, domínio, soberania, absolutismo, uma completa ditadura camuflada, uma tirania desnudada por aqueles que a deveriam vestir, revestir-se até, nem que fosse com uma nova e nociva roupagem, mas a nudez seria transparente, dura e crua, é certo, mas sempre verdadeira.

A corrupção faz igualmente parte dela, dessa balança, símbolo de equilíbrio que deixou de fazer sentido, quando os crimes de colarinho branco são cada vez mais e maiores, quando as classes se protegem ao invés de se honrarem, quando os órgãos tutelados para o efeito abraçam e amparam os golpes de criminosos que outrora feriram, queimaram e, quando o maior órgão de soberania é igualmente corrupto, porque se cala, compactua e não actua em tempo útil, em tempo que é tempo de se fazer notar que a justiça é feita, esse órgão torna-se a maior vergonha jamais vista, jamais anunciada, jamais pronunciada, jamais sentida.

São revoltas de gente do povo, de gente de bem, de gente que sabe ser gente.

São revoltas revoltosas que por vezes cegam o povo porque a justiça se cala e o povo não consente.

Não!

Ele não quer sujar as mãos, o povo não quer igualar-se a gentilha sem escrúpulos e sem pudor.

O povo é honra e respeito, é gente de trabalho e de garra, de determinação, mas também, mesmo que custe, é gente de grande motivação para escorraçar a escumalha.

ESPANTAR A REVOLTA

As minhas palavras conseguem ser tão acutilantes quanto meigas.
As minhas palavras conseguem acariciar a alma mas também apunhalá-la.

São elas, as palavras que me amparam as mágoas e as dores.
Mas também me fazem sorrir, denunciar e chorar horrores.

São elas, as palavras que me confortam e protegem.
Mas também me fazem sentir injuriada, injustiçada.

São elas, as palavras que me ajudam a assombrar a vida.
Mas também me acolhem e ajudam a intimidar a morte.

São elas, as palavras, as dores dos meus sofrimentos confessados e até declarados.
São elas, as palavras, as dores dos meus choros sem lágrimas por medos revelados.

Com elas sinto sem meias-medidas, receios ou preconceitos.
Com elas grito escrevendo, afogando as marcas das mágoas.
Com elas visto sorrisos, escondendo a dor, encantando o leitor.

São elas que me adormecem quando acordada estou e, me acordam quando pernoito.
São elas que me ajudam a não ficar calada, indignada até, para me acalmar a cólera.

Não mexam com elas, nem com os meus rebentos, sou fera mansa e dócil quando delas e deles acolhem, mas sei ser fera esfomeada por rasgar e esventrar, matar e degolar, com doces e requintadas palavras de revolta, a dor que a impotência me causa por justiças não se fazerem.

As palavras são a minha maior revelação, sei ser meiga, doce e até carinhosa mas, também, sei ser acutilante, ativa e orgulhosa. As palavras são a minha maior manifestação de dor, através da revolta nelas me desnudo, sem quaisquer sentimentos de timidez, vergonha ou pudor.

A fraqueza pode nas palavras habitar, mas nunca a cobardia em mim habitou.

A fragilidade esconde-se de mim, por receio das feridas que possa abrir, fecho-as quando as devo fechar, mas rasgo-as sem pudor da dor e, defendo-me sem remorsos, tornando-me o motim espantando a sede que tenho da revolta.

PEQUENOS SONHOS, APENAS...

Escrevo ao som das tuas músicas, imagino-me nos teus braços fortes e morenos que me amparam o choro.

São sempre melodias solitárias que me aconchegam a Alma e me entristecem por dentro.

Já não consigo soltar lágrimas, nem falar calada, não consigo escrever com sentido nem contar histórias de embalar, narrar algo para encantar e, até sonhar acordada sonhos reais que adormecem a tristeza, e acordam a alegria.

Os sonhos, esses, sejam pequenos ou grandes são sempre a desilusão quando acordamos, porque o que se sonha realizar, seja uma pequeníssima fantasia, tão pequena, mas tão pequena como namorar encantada, sorrir com vontade, gargalhar até, esses que afinal são tão pequenos e, são igualmente uma ínfima parte daquilo que sonhamos, são também os mais dolorosos quando acordamos.

Desejo infinitamente esta solidão que me entristece por dentro, mas apenas quando me sinto desencantada de ter acordado, porque se eu ao menos soubesse sonhar, seria mais feliz e, até, conseguiria igualmente ser melhor companheira, melhor mãe e melhor mulher.

Deveria viver mais e sonhar menos, é o meu castigo por me ser assim...

PERDI A CAPACIDADE DE ESCREVER!

Perdi a capacidade de escrever!

As ideias não surgem, os bloqueios mentais visitam-me incessantemente e, os pensamentos de mim fogem como se eu os fosse esmagar.

A inspiração decidiu por ela mesma deixar-me, acho que se cansou de mim. Sei que puxava muito por ela, assim como, era demasiado exigente para com a imaginação, mas era apenas para fazer delas alguém, alguma coisa que as enaltecesse nas suas curtas mas grandes vidas.

E agora? Fiquei sem as ideias que até é irmã da imaginação e da inspiração. As três decidiram ficar longe de mim, estavam já cansadas, esgotadas até, por eu exigir e nada lhes dar.

Nem ao menos uma palavra eu dirigia-lhes, de facto, e pensando bem, também eu poderia delas fugir se tratada assim fosse.

Só me resta esperar, aguardar serenamente que elas me visitem e sintam o meu responsável arrependimento.

Mas receio que este aguardar seja longo, até porque, já me abandonaram, aliás, como escrevi há tempos, a solidão e o silêncio, agora, foi a vez das ideias, da imaginação e da inspiração.

O que será que vem a seguir?

O meu “eu” está lentamente a desaparecer, e o mais grave, é que eu apercebendo-me disso, nada faço e apenas aguardo, espero inerte e serena que regressem ao seu habitat.

Mas acho que vou procurá-las, vou escrever mesmo sem a companhia das ideias, mesmo sem a companhia da imaginação. Igualmente sem a parceria da inspiração, porque essa, sei que está acompanhada da solidão, que a chamou e com ela o silêncio levou.

Olha que cinco?! Pois muito bem, são cinco os meus dedos em cada mão, são cinco os sentidos que de mim fazem parte, e cinco as companhias de eleição.

Assim vivo e assim escrevo, mesmo acompanhada do barulho, e sem a companhia das três irmãs, afinal, com cinco dedos apenas escrevo e com cinco sentidos apenas sinto...

Para que preciso eu de mais cinco devaneios? Os que tenho já muito trabalho me dão, qualquer dia sei que também se vão, pois agora, a exigência é maior já que com cinco a menos fiquei e, quando nada me restar, serei apenas um “eu” sem mente, pensamento, espírito ou razão.

É noite!

Uma noite calma, *serena*
e quente.

Oigo os grilos a cantarem

O CANTO DO GRILO!

É noite!

Uma noite calma, serena e quente.

Oiço os grilos a cantarem.

E eu, estendida na minha rede amarela estou, escrevo ao som do luar, ao som de um doce balançar.

Calma, paz embriagada que me invade o corpo, mas, repentinamente uma fresca aragem em mim me toca, levantando ao de leve a minha camisa de seda zebra e, as pernas já desnudadas revelam-se pela sensualidade de uma mulher.

Propositadamente coloco-me numa posição sensual, revelo o busto e acaricio-me, chamando-te.

Deixo a caneta cair e o papel voar.

Já não escrevo.

Já não estou ali.

Tu encontras-te encostado ao pilar de pedra rústica.

Eu sei que me observas, por isso te provoco e com o olhar te toco.

De cigarro na boca, vejo-te sugá-lo como se em mim sugasses o suco que te deleita e me humedece.

Continuo deitada na rede amarela, acompanhada da aragem e do som dos grilos.

Acompanhada também do teu olhar e do teu desejo.

A noite está quente!

O calor chama-nos!

O silêncio penetra-me e tu desejas o mesmo fazer.

Deitas fora o cigarro e de mim aproximaste.

As minhas pernas são o teu primeiro alvo, nelas tocas e nelas acaricias a nudez que elas te provocam.

Com o olhar pedes-me permissão para avançar, e eu não me fazendo rogada imploro-te que o faças.

Puxo-te para mim agarrando-te com o punho a camisa e, tu comigo te deitas na rede amarela.

Afagas-me os negros e longos cabelos ao mesmo tempo que me acaricias a pele.

As tuas mãos não descem, mas sobem, pois nas pernas estavam e agora em direcção às coxas caminham.

Penstras-me com os dedos, saciando o teu gosto ao veres-me gemer, assim... semi-nua, assim... penetrada pela boca do corpo.

De repente e, como se aragem se transformasse numa tempestade sem som, empurras-me para a relva, aparando-me o corpo com o teu corpo.

Colocas-me de joelhos e fazes de mim a tua égua, os meus cabelos a tua rédea e penetras-me incessantemente sem dó nem piedade. E eu... sacio-te desejando-te mais e mais, cada vez mais e mais, provocando-te gemidos gemendo também, e estes, acordam o silêncio e adormecem os grilos.

Os bicos da relva estoiram e os jactos de água sobre nós se soltam.

Mergulhamos molhados na relva já húmida pelos nossos corpos e, uma vez mais saciamo-nos ao som da água que nos refresca o corpo e denuncia o grito.

É noite!

Uma noite calma, serena e quente.

Os grilos calaram-se e o silêncio falou.

Adormeceram espantados com receio do som.

O OUTRO LADO DA VOZ!

O telefone tocou.

Não ouvi, estava no duche.

Quando saí estava fresca, mas o calor depressa invadiu novamente o meu corpo.

Essa frescura ainda se mantinha, mas não por muito tempo.

Despida para me manter assim, suave brisa no corpo em mim, dirigi-me ao escritório e sentei-me para escrever.

Senti o couro do cadeirão agarrarem-me as nádegas, como se a humidade da frescura nele se colasse. Não me importei! Senti a água do suor das coxas a escorrerem-me pelas pernas, mas assim fiquei, fresca com a água da transpiração.

Olhei para o lado e lá estava ele.

O telemóvel com uma mensagem do toque.

Peguei nele e vi quem me ligou, enquanto no banho me refrescava.

Foste tu! Já sabia, mas, ao mesmo tempo não esperava.

Já te tinha ligado e deixado mensagem, uma vez e outra, mas nada. Agora foi a tua vez, ligaste-me e não deixaste mensagem, mas soube que me ligaste.

Liguei-te de volta e não sabia o que dizer, mas disse: Olá!

A tua voz surpreendeu-me por ser forte, segura e sensual.

Voz de homem que sabe o que quer e não se importou com ela mesma, a voz.

Mas eu por ela encantei-me.

São raras as vezes que me encanto pelas vozes, acho que aconteceu uma ou duas vezes, e agora, aconteceu mais esta.

Falámos e ideias trocámos, desafios calados sentimos mas nada pronunciámos.

Ficámos por instantes reservados a ouvir o respirar e, as interjeições que muito diziam mas nada podiam, nada faziam, a não ser suspirar caladas, para não se denunciarem, para não se acusarem.

Queria ouvir-te porque te denunciaste escondido, através de uma voz forte e determinada, de uma voz com garra que seduz sensualidade.

Ouvi-te mais uma e outra vez, puxei por ti para falares mais e mais e, tu sem te aperceberes foste falando e desnudando o meu “eu” pela voz que gostei.

Calei-me para te calares, receava saberes o que estava a fazer, por isso, terminei rápido a conversa para continuar a encantar-me com a tua voz através da escrita.

E, assim foi, assim é, assim estou agora a fazer, a escrever-te esta linda carta de uma voz calada mas escrita com Alma.

Desligo! Pouso o telemóvel!

Transpirada agora não apenas nas pernas, mas pelo corpo todo, enfio-me novamente na banheira e, de água fria pelo corpo a escorrer, oiço-te novamente apenas em fantasia.

Sei que te ouvirei mais tarde, mas, esse tarde não adormece para acordar o cedo, e encurtar o tempo para te ouvir novamente, através dessa voz que me aquece o corpo e me desnuda a Alma.

O VELHO E O LEGADO

A barba branca de fina neve e cabelo igualmente branco mas curto, revelam a caracterização perfeita de uma sapiência ambulante.

A sua pele rugosa e gasta pelo tempo escureceu ao som da vida, pelo extenso trabalho que as suas mãos denunciam.

As unhas são o seu cartão-de-visita, denunciam, também elas, terras trabalhadas sem água mas com sal.

De tintas marcadas nas mãos envelhecidas, o papel rasgado e enrugado acompanha a velhice do legado.

Este homem de nome Velho é a sabedoria dos homens de nome Novos.

O seu legado que é irresistivelmente cobiçado por outros, não deve nunca ser partilhado, ele assim o entende, ele assim o quer, é seu, era seu...

Um dia, o povo de nome Novos uma fogueira acenderam. Colocaram uma grande cruz de madeira nessa vermelha fogueira.

Foram buscar o homem de nome Velho e, na enorme cruz de madeira prenderam-no, para que partilhasse o seu pequeno, mas grande legado.

Prenderam-no na cruz já envelhecida pelas chamas que, a queimaram abrasando-a.

Pouco depois, a barba branca fica preta, chamuscada, juntamente com o cabelo e o cheiro a carne queimada.

O fumo denso começa ao céu a subir, desenham-se letras e, da sua boca enrugada vislumbram-se textos nunca ouvidos, do seu corpo queimado soltam-se livros nunca lidos.

Era o homem de nome Velho a morrer e o seu legado a padecer.

E, afinal, morreu com vontade de viver, no entanto, mataram-no por não partilhar o seu legado que, era seu por direito, só seu, só dele, mas na mente ele venceu.

Pois, o legado apenas deu um cheirinho através do espesso fumo que poderia ser do povo de nome Novos, se a morte naturalmente lhe batesse à porta, mas vira-se obrigado a queimar o seu “eu” e com ele, o seu legado.

O homem de nome Velho morre, o legado padece, mas o povo de nome Novos empobrece!

O TESTEMUNHO DA CHAMINÉ

Lá longe vislumbro uma casa solitária.
Apenas o campo e o rio fazem-lhe companhia.

As árvores secaram, pois o rio a elas não chegou, o fogo quis com elas ficar e delas fez o seu alimento.

O campo agora aberto começa a olhar para a frente.
Inicia o seu percurso e juntamente com o rio desbravam terreno, acomodam as montanhas e os vales, fecundam a terra e plantam novas árvores, novas flores silvestres e campestres, natureza viva que o fogo colheu, mas não de todo, pois a natureza venceu.

A casa solitária queimada também ela pelas cinzas do fogo, renasce com trepadeiras envolta, acolhem-na aconchegando as paredes e as janelas, o negro passa rapidamente a verde forte, salpicado de papoilas vermelho quente e, as janelas estilhaçadas pelo calor ficam enfeitadas pelas teias de aranha que dão vida à casa ainda solitária.

A chaminé não padeceu, o fogo dela fez parte e nem sequer encolheu.

Soprou fortes labaredas e bafejou quentes chamas e, o lume que dela saía, aquecia o seu corpo cor de tijolo que rapidamente preto ficou, mas sempre fino e sereno, altivo e orgulhoso, por no seu corpo poder amparar o fogo e, continuar a ser a chaminé orgulhosa e vaidosa.

A casa não era de madeira, por isso não morreu.

Era vestida de grossas pedras e, a sua intimidade era revestida de finas ardósias que compunham a sua sustentabilidade, por isso, ficou inabalável, apenas o camaleão dela fez parte, pois de cor cinza passou a negro treva mas, rapidamente o verde dela tomou conta, e o vasto campo ainda aberto acolheu novas visitas e novas vidas.

O tempo passa, e o velho e antigo campo já não está apenas na companhia do rio e da casa, as árvores nascem e as flores renascem, os insectos regressam e a vida retorna ao seu natural percurso, o seu instintivo caminho.

A casa, também ela, outrora solitária, afinal nunca sozinha esteve.

A transformação deu lugar a novas vidas, a mutação deu vazão a novos seres e, todos, mas todos eles, naturalmente vivos enfeitaram aparentemente a morte, pois a natureza nunca padece, porque dela faz a sua essência, o seu regresso.

A casa aparentemente solitária manteve-se assim durante anos, séculos até, e as paredes revestidas a pedra ficaram vestidas de verdejantes trepadeiras que, com vidas interiores casaram e histórias muitas contaram. Apenas entre elas, é certo, pois proibiram a entrada do Homem no seu pequeno mas grandioso mundo, contudo, a felicidade abundou, o rio regou alimentando-a e a vida continuou.

O VESTIDO EM BORDADO INGLÊS

O meu vestido branco em bordado inglês, colocava a nu o meu biquíni preto com ornamentos de pedras douradas. Denunciava-me igualmente pelo meu chapéu, com uma fita branca de igual bordado inglês, agarrado às suas abas. Caminhei no paredão sempre acompanhada do livro que, em dias de praia nunca ficava em casa.

Desci as escadas já denunciadas pela areia e, escolhi um espaço onde me pudesse encostar, de modo a poder ler quando da água me cansasse.

Estendi em forma de quadrado a toalha e sentei-me de pernas cruzadas, como se sentam na tradicional posição do yoga. Não me despi, estava a saber-me bem, estar assim, meia vestida, meia despida. Estavam alguns botões de pérola branca desabotoados, como se quisessem colocar a nu apenas uma parte, não o todo.

Senti-me observada, talvez por estar sozinha, talvez pelo vestido, talvez pelo chapéu ou apenas, talvez por mim mesma. O meu cabelo estava em trança de um lado do corpo, mesmo com a trança feita chegava ao busto. O seu negro azulado acabava por contrastar com o branco pérola do vestido em bordado inglês.

Ouvia crianças a brincarem, pais a chamarem por elas e, apeteciame apenas ouvir o mar.

Levantei-me e para junto dele fui. Sentei-me e a água atravessou-me parte do corpo, molhando o vestido e despindo-me por este se ter colado a mim. Despiu-me apenas com o olhar, as ondas eram matreiras, mas não ao ponto de me conseguirem despojar por completo.

Fechei os olhos, pese embora, os meus óculos de massa preta os protegessem do Sol. São apenas uns óculos, sempre os mesmos, pois a areia estraga as lentes, por isso, escolho sempre os mesmos para a praia trazer. De olhos fechados senti a maresia chegar-me ao olfacto, senti o odor das ondas que em mim batiam e em mim permaneciam.

Estava na companhia do mar, pois o livro deixei junto à toalha.

Uma concha amparou-me, senti os seus braços a abraçarem-me, e os seus lábios no meu pescoço a beijarem-me. Senti-me bela, encantada por encantar, devaneada por silenciar.

Amparei-o também eu ali, no meio da praia, perto do mar. Ali ficámos e ali permanecemos, juntos, em efeito de concha aberta com rasgos de prazer apenas no pensamento.

Senti-me bem, tão bem que, queria ser o que aparentava e, não o que sou. Afinal, o livro ficou com a toalha e eu fiquei sem concha, mas o vestido branco em bordado inglês com botões de pérola branca, fizeram o cenário, eu fiz o espectáculo e o público fez os aplausos.

FAZ-LHES COMPANHIA, PODE SER?

Procuro-te muitas vezes,
Sabes-me bem, alimentas-me o ego,
Aconchegas-me o corpo,
Encontro-te e fico assim, intensa...

Mesmo que nele não toques,
Consigo com as palavras sentir-te,
Apenas com as frases que me escreves,
Consigo no teu corpo tocar.

Encanto-me por me encantares,
Iludo-me por me iludires,
Mas é assim que me provocas,
É assim que te exalto e desafio.

É assim que te excito e estimulo.
É assim que te encanto e enfeitiço,
E tu a mim me fascinas e eu seduzo.
E tu a mim me alicias e me cativas.

Sensibilidades distintas que se misturam,
Entre imagens e imaginários,
Entrelaçam-se em letras como se elas bebessem,
Devagar, devagarinho o teu mel, o teu fel.

Um doce que em mim chamaste,
E de mim nem tocaste, mas assim me apelidaste,
E eu assim gostei, por me teres intimidado,
Por me teres nomeado, o teu doce fel, o teu doce mel.

E tantas são as vezes que contigo sonho,
E tantas são as vezes que te procuro, incessantemente,
Como se fosses carne viva feita de sangue fresco,
Que me suga e me sorve, se alimenta e sustenta,

Brincas comigo porque sabes brincar, e eu...
Eu aceito brincar neste jogo que me atropela,
Mas que gosto por ser perigoso, por ser audacioso,
E tu provocas porque sabes nele jogar.

Mas nunca me irás tocar, nunca irei deixar,
Apenas me tocarás em sonhos, como eu em fantasias te toco,
Se um dia te conhecer, saberás que foi pura ilusão, e eu...
Eu saberei o que um dia tu saberás, mas desencantarás.

Eu saberei que me iludi,
Tu saberás que cegaste,
A decepção foi grande, enorme mesmo,
Tocaste-me, em pensamento, é certo e desejado.

E quando afinal, apenas com o olhar me tocaste, afastaste-te,
Pois assustaste-te, do meu corpo nada resta, a não ser pele gasta,
Carne morta que se esconde em roupa nova e, que se encobre e
resguarda,
Tu sabias, eu disse-te, e nunca em mim acreditaste, pelo sorriso
que deitei.

A idade chega e ela não perdoa, envelhece-me o corpo,

Envelhece-me a Alma por ver o corpo a apagar-se,
Por senti-lo gastar-se e, a Alma ainda nova se deixa morrer,
Por sentir que o corpo cede e cedo também morre mas, sem
querer...

Por isso, afasta-te, serei sempre ilusão, alucinação também,
Alimenta-te apenas assim, de palavras sem corpo, porque esse,
A idade levou e com ele levou a Alma e até o encanto,
Apenas deixou que o corpo partisse, a alma fugisse e as pala-
vras...

As palavras ficaram, mas quedaram porque sem corpo estavam,
Sem Alma andavam, por isso aquietaram-se e esgueiraram-se,
E ficaram assim, simplesmente palavras, palavras sem frases,
Sem corpo, sem Alma sem nada, apenas Palavras,

Faz-lhes companhia, pode ser?

BEBAM-ME COM PRAZER E SENSUALIDADE...

Imaginem-me uma letra.
Pode ser um 'A' de Ana,
Um 'M' de Maria,
Um 'F' de Fernando ou até,
Um 'O' de Olga mas,
Imaginem que sou apenas uma letra...

Bebam essa letra que pode ser o 'A',
Juntem por exemplo uma outra que pode ser o 'N' e,
De seguida, juntem outro 'A'.
Parem! Parem agora...Devagar devagarinho...

Repararam que beberam a palavra "Ana" e nem sentiram que a formaram?!
Mas nela tocaram e com prazer beberam-na...

Mas não chegaram ao fim do copo,
Porque pararam, dando-lhe um espaço,
Para depois poderem formar com letras outras palavras,
E assim, beberem-nas... continuadas sem estarem terminadas...

Por isso,
Bebam-me com prazer e sensualidade,
Leiam-me dessa forma sem nunca conseguirem terminar,
Sem nunca sentirem ter chegado ao fim...

Porque as minhas letras irão sempre compor palavras e delas
nascerão frases,
Que Vos encantam, porque saboreiam e desejam-nas cada vez
mais...

Ler, beber, sentir mas sem nunca terminar...
Porque sou letra e palavras, frases que tocam sem tocarem,
Textos que sentem com leituras de palavras formadas,
Apenas por letras que beberam com prazer, sem nunca ao fim
do copo chegar.

‘Ana’! Beberam, pararam e agora podem começar a beber outra,
Que tal a letra ‘O’?! Poderá formar outra palavra, ou não? Qual
será?

Não sei, mas também sei... apenas permito que a Vossa imagi-
nação a formule,
Sem haver a necessidade de impor, porque no imaginário o li-
mite não existe,
Por isso, criem e recriem, bebam e saboreiem, sintam e deva-
neiem, mas acima de tudo...

Nunca se deixem ao fim chegarem... não permitam, não con-
sintam...

Ora feliz, ora triste, é o
cinza das nossas vidas.
De manhã uma alegria de
tarde uma tristeza, de
noite a melancolia
aumenta porque o cinza
dá lugar ao preto, mas
branco nem vê-lo, nem
de dia, muito menos à
noite, para isso teria de
haver noites de Lua cheia
e essas, quando as há,
não estamos nem atentos
para saber que as há.

O INTERVALO DO CINZA

Este cinzento que pelo céu passa atravessa-me o corpo e atormenta-me a Alma.

Esta cor que não é cor, nem é preto nem branco, é mistura de ambos e de ambos é igualmente feito, o temperamento pessoal.

Ora feliz, ora triste, é o cinza das nossas vidas.

De manhã uma alegria de tarde uma tristeza, de noite a melancolia aumenta porque o cinza dá lugar ao preto, mas branco nem vê-lo, nem de dia, muito menos à noite, para isso teria de haver noites de Lua cheia e essas, quando as há, não estamos nem atentos para saber que as há.

Que porcaria de vida esta que levo, sentada a escrever e a mais nada fazer.

Estou cansada, farta de tanta luta, de tanta injustiça, de tanta podridão, de tanta incongruência junta, estou exausta, apetece-me desaparecer e adormecer para todos. Nascer outra pessoa e ser outra pessoa, que fosse sempre bem-disposta com sorriso nos lábios, que a própria vida deixasse de ser tão cruel e tão estupidamente sacrificada.

Sou a força e a determinação alheia, encorajo e aconselho, como se a experiência e a sabedoria estivessem presentes sempre em mim, mas no final, quem chora sou eu, quem precisa sou eu, quem suplica sou eu.

Quero luz na minha estúpida vida de cão que, apenas existe para alimentar egos alheios, sejam de filhos, marido, pessoas estranhas, amigos ou família.

Quando é que serei eu a protegida e a menina cuidada?

Quando é que será a minha vez de sorrir com vontade de gargalhar?

Quando é que saberei escrever sem ser estas aberrações de estúpidas tristezas, muitas vezes sem nexos, sem contexto, sem pretexto até?

Estou farta desta vida que me colocou no meio deste cinza que nem é preto, nem é branco. É o intervalo das duas e no centro apenas sei estar quando sou bajulada, nunca denunciada, agora estou assim, atraída por uma cor que nem é cor, por uma sombra que também não é sombra, que porra de vida, que porra de cinza.

Dá-me o preto da noite ou o branco do dia, mas esconde esse cinza do dia e mata-o da noite. Quero ser preto ou branco, mas cinza nunca, não quero ser o intervalo de ninguém, muito menos o meu, talvez por não saber sê-lo, talvez por me saber apenas ser assim, ou triste ou alegre, mas nunca, assim-assim...

O REVERSO DA PAIXÃO

Porque será que quando estamos apaixonados não existem limites?

Porque será que quando a paixão nos chega as fronteiras deixam de existir?

Porque será que quando nos encontramos em estado lírico não existem sacrifícios?

Porque será que quando vivemos apaixonadamente tudo se torna mais simples?

Talvez porque a conquista ainda esteja a ser feita, o caminho a ser percorrido.

Talvez porque ainda não somos um dado adquirido ou até absorvido.

Talvez porque a novidade ainda habite e nós enfeitiçamo-nos.

Talvez porque a quebra desse encanto ainda não deva ser quebrado.

São os porquês e os talvez.

A novidade é desafiante e nada se torna mais aliciante.

A conquista passa a ser a prioridade, o resto, o resto não importa, o principal é conquistar, é agradar, é encantar, é enfeitiçar para nos sentirmos vivos, amados, queridos e até muito desejados.

Quando o encanto é quebrado o desafio passa a obstáculo.

Tudo se torna difícil, tudo é aborrecido, tudo é um tédio, tudo é sacrifício.

As desculpas chegam e as caras encantadas passam a mal-en-caradas.

O querer estar, passa a não querer estar, o agradar passa a desagradar.

O simples passa a complicado.
Quebrou o encanto encantado.
Quebrou a chama da paixão,
E o calor fica frio...

A tormenta que nos martirizava pelo desejo de ver, sentir, amar sem limites, com fogo, brasa, feitiço, tudo, mas tudo o que era apelidado de bom, de melhor, inesquecível, irresistível, transforma-se na tormenta flagelada que chicoteia sem ver, sem sentir, sem amar e até podar para alimentar.

O inferno já não é o fogo da saudade, mas a brasa da frivolidade. O inferno deixou de ser uma dor boa de sentir, para passar a ser a mágoa que dói e faz sofrer, gemer por saber que um dia foi paixão, prioridade, e agora, é apenas futilidade.

Da tormenta de uma paixão pode nascer a erupção de um vulcão, não aquele que nos mata de ardor com fogo de querer mais, mas aquele que nos corrói por não mais nos suportar.

É desta vez, foi esta vez, para sempre... morreu a paixão nasceu a indiferença ou quem sabe até, apenas existência!?

Foram os porquês que passaram a talvez e concluíram-se com os de vez.

VIDA ESTRANHAMENTE SOLITÁRIA

A vida de escritor é uma vida solitária, embriagada em letras e emaranhado de palavras.

Tenho apenas o som das teclas e a solidão do silêncio a fazerem-me companhia. Por outro lado, quando acompanhada estou, a necessidade de estar sozinha e a vontade de me entregar, para me deitar com as letras aumenta.

Elas chamam-me como se de mim necessitassem, como se eu fosse o seu leito, a sua vontade própria de se extasiarem em mim, esgotando-me sem palavras, apenas sentindo escrevendo.

Fico exaurida, sem capacidade alguma de comunicar a não ser assim, sem vontade alguma de falar a não ser assim, sem vontade de estar a não ser assim, sem vontade de amar a não ser assim... desta forma que me esgota os sentidos, que de nada peço, nada faço, produzo e apenas escrevo, escrevo e escrevo... o quê?! Não sei. Escrevo lágrimas que não se soltam, porque este estúpido silêncio absorve-me os sentidos, escrevo palavras presas na boca que apenas as solto no leito da paixão, que me torturam com frases feitas, com palavras recheadas de letras que sabem me conquistam.

É uma vida estranhamente solitária.

Desaprendemos a chorar, a olhar com olhos de ver e a sorrir. Desaprendemos a sentir corpo a corpo e apenas sentimos assim... com as letras.

Desaprendemos até a namorar e, porque não conquistar?!

Não quero esta vida tão estranhamente solitária.

Deu-me uma vida e tirou-me outra.

Já não sei viver, amar, sentir, chorar até, e, porque não rir?! Porque simplesmente desaprendi.

Já não sei sorrir, queria, mas não sei, queria rir e gargalhar, conviver e viver, mas não consigo.

Apenas me refugio em quatro paredes viciadas nas letras, no papel e teclado, nas leituras e nos devaneios de dissertações que me fazem apenas e só pensar alto, mais nada e, afinal, o que produz? Nada, alimento Almas várias esquecendo-me da minha.

Estou a escrever e a fugir de mim, queria viver intensamente todas as paixões que escrevo, queria sentir fortemente tudo o que solto, assim, de forma leve e desnudada que encanta mas desencanta-me, porque não a vivo e apenas a escrevo.

Como queria dançar apaixonadamente o Tango, ouvir os teus murmúrios suados em mim, pegando-me leve, abraçando-me e amando-me apaixonadamente, como eu com as letras faço, fecundo-as porque elas me esventram, torno-as reais porque elas me penetram, fazendo-me sentir euforicamente um orgasmo sem fim, sem luta porque ele chega sem avisar e fica sem pedir, apenas o sinto e lanço chamadas de paixão, para elas, as letras, em mim fecundarem e eu delas semear o que um dia irá nascer, um livro.

Farei nascer esse livro, mas libertem-me um pouco, permitam-me respirar o doce ar da saudade de ser amada, por pessoas e não por letras.

A FACE COM ÓLEO DE COCO!

Estava sentada a ler!

À minha frente o mar desfrutava da areia que lhe acariciava as ondas.

O banco de ripas de madeira era largo e longo, mas ao meu lado não estava ninguém. Estendi as pernas de frente para o muro que serviu de apoio aos meus pés.

Estava propositadamente semi-nua. Não acho a nudez na sua totalidade tão aliciante como a aparente nudez. Por isso, deixei pedaços de corpo escondidos e outros descobertos. Os descobertos despertavam o olhar de quem por ali passava, e os escondidos faziam companhia à minha sombra.

Estava sentada a ler!

O livro era denso e queria concentrar-me na sua história, ser a personagem principal, embrenhar-me no enredo mas, o barulho do cheiro a coco não me permitiu essa concentração.

Sabia-me observada, não sei por quem mas sentia-o.

Sentei o livro ao meu lado, já que não conseguia fazer-lhe companhia, fazia ele a mim...

Levantei-me e, com umas das mãos segurei o meu largo chapéu de abas cor de palhinha, com a outra segurei no vestido que colocou a nu algo mais do meu corpo.

Saio dali e dirijo-me para parte incerta. Já não tinha o mar à minha frente e de repente senti no meu ombro tocarem. Olho para trás e...

— Desculpe! Este livro é seu?

— Ah! Sim, sim... desculpe, obrigada...

Continuei com passos leves e cuidados mas, quando dou mais um caio, deixando tombar o chapéu de abas cor de palhinha e o livro denso que me entregaram. Rapidamente um vulto agarrou-me e mais nada vejo a não ser um corpo vestido de roupa clara e com barulho de cheiro a coco. Senti o amparo vindo de cima e quando me levanto ficámos colados olhos nos olhos.

Um olhar intenso penetrou-me, queria desviá-lo mas não conseguia, queria afastar aquele olhar que me petrificou mas não me permiti. Parecia que aquele olhar me agarrava os pés e ali me prendia.

Penetrámo-nos mutuamente com o olhar, sei porque senti-o. A sua mão acariciou-me a face...

— Magoou-se?

— Não! Desculpe... obrigada...obrigada...

Estava estupidamente encantada com aquela carícia da sua mão na minha face. Senti-me protegida, mimada, acariciada, encantada, senti-me.... Senti-me bem...

Baixei-me para apanhar o livro e o chapéu de abas cor de palhinha e, uma vez mais o seu gesto fez companhia à minha postura, senti novamente aquele barulho que me fazia sentir bem, aquele cheiro a coco num corpo de veste clara. Levantámo-nos lentamente, muito lentamente e sem uma única vez desviarmos o olhar um do outro. Fechei os olhos e outra festa senti, uma carícia que os seus suaves dedos deliciaram na minha face.

Abri os olhos e rapidamente me virei para fugir do olhar que me prendia com a cumplicidade da mão que me acariciava a face.

Obriguei-me a fugir, corri, corri e corri e corri até não poder mais, parei no paredão e coloquei as minhas mãos sobre os joelhos para acalmar a respiração. Dirigi-me ao mar para refrescar o calor que habitava em mim. Mas aquele olhar não me abandonava, pelo contrário, seguia-me e eu sabia porquê.

Mas não foi o olhar, não foi o amparo da queda, não foi o barulho do coco no seu corpo de veste clara, foi o gesto, foi uma simples carícia, uma simples festa que na minha face tocou. Uma carícia com dedos que me cuidaram, nada fazendo aparentemente, mas petrificando-me humedecendo-me por dentro.

Fiquei sem a companhia do livro, o chapéu voou para parte incerta e eu estava já refrescada pelo mar. O meu corpo semi-nu aparecia agora colado revelando o que outrora estava escondido, mas mesmo assim, nada mostrou, pois apenas contornou o que continuava oculto.

Sentei-me na areia banhada pelas ondas do mar.

Agora sem a minha sombra e sem o meu livro, fiquei acompanhada pelo sentir daquela carícia que me fez sonhar acordada, que me fez ser emoção sem perdão... gostei, senti-me bem, senti-me um bem que estava a ser apreciado e ali quis ficar, para sonhar e não mais acordar.

Deitei-me para me acalmar e fechei novamente os olhos.

Senti nova carícia com dedos suaves a tocarem-me a face, não me permiti abrir os olhos com receio de ter adormecido e ao acordar, sentir que tudo não passava de um sonho.

Assim me deixei estar, assim fiquei a sentir, apenas... sentir uma simples festa que na minha face acariciava com dedos de óleo de coco.

HÁ PESSOAS!

Há pessoas que não nos tocam mas sentimo-las...
Há pessoas que não nos falam mas ouvimo-las...
Há pessoas que não nos escrevem mas lemo-las...

Há pessoas que aparentemente invisíveis são a nossa
[visão diária.

Acordamos a pensar se já acordou e se conosco sonhou.
Acordamos a pensar o que pensa e se em nós pensa.
Acordamos a pensar sem pensar e apenas sentir...

Há pessoas que nos marcam sem as conhecermos.
Há pessoas que nos ouvem sem falarmos.
Há pessoas que nos lêem sem escrevermos.

Há pessoas que têm um Dom...
O Dom de Amar incondicionalmente...

Sem tocar mas sentindo...
Sem ouvir sussurrando,
Beijando-me sem boca,
Acariciando-me sem mãos,

Há pessoas que têm esse Dom...
O Dom de nos fazerem sentir bem,
O Dom de nos fazerem sentir vivos,
O Dom de nos Amarem sem conhecerem...

Há pessoas...

E, eu delas gosto e delas não abdicó, por isso as Amo incondicionalmente...

Há pessoas que nos surpreendem...

Esperamos uma vida inteira para sermos surpreendidos, e quando nos surpreendem gostamos e amamos ainda mais...por isso, há pessoas...

Há pelo menos uma pessoa, há sempre uma, especial...

UM PEDIDO DE PERDÃO!

Não durmo!

Não durmo e quando durmo sonho pesadelos infundáveis.

Não consigo ter a serenidade e o discernimento que em mim devem impor-se.

Não durmo e quando durmo acordo do pesadelo e revejo-me novamente nele.

A corrupção corrói-me, alimenta-se do meu ego, da minha dor, da minha angústia.

A vingança chama por mim e eu resisto-a com todas as minhas forças.

Mas a revolta que em mim habita não se cala, adormece-me os sentidos e o bom senso, ao invés de despertá-los.

A injustiça que é vista por todos é igualmente calada, por isso, compactuada.

E eu?! Eu não durmo e quando durmo sonho com a injustiça, sonho com uma forma de fazer justiça, e todas as formas que em mim chocam, não são formas justas e humanas.

Temo-me.

Temo por mim, pelo que eu possa fazer, porque sonho pesadelos de palavras caladas e sorrisos amarelos, gargalhadas em gozo e vestígios apagados, camuflados também, mas acima de tudo embaciados...

Vigam-se silenciados e atropelam exaltando os seus feitos através da resposta calada, aquela que se espera mas não chega e, quando chega, vem em forma de arquivo.

Calam-se quando pergunto.

Resguardam-se quando confronto.

Silenciam-se quando respondo...

E, propositadamente suprimem silenciando a palavra, que deveria ser justa mas apenas a é para o poder, a corrupção e o valor interesseiro que nunca é humano.

Provocam a dúvida para que ela seja composta num efeito colateral, fazendo com que perca a razão para a usarem posteriormente contra mim, por isso, luto incessantemente contra estes bandos de corruptos, mas luto igualmente contra mim, porque me receio, temo por mim, estremeço só de pensar que um dia me atraioe e me iguale.

A revolta luta com a sensatez e eu no meio delas não durmo e, se durmo, sonho pesadelos infundáveis, porque a sede da justiça pernoita em mim e eu nela me perco, sentindo-me impotente por não me querer assim...

Desejava apenas um pedido de perdão, nada mais, mas parece que esse pedido é demasiado caro para quem nele sente que apenas o dinheiro compra esse perdão.

Um desejo humano, humilde que seria capaz de limpar toda esta revolta, esta angústia e esta corrosão que em mim vive, mas nem isso eu consigo, porquê?

Sentir que sou desejada,
um desejo carnal, mas
igualmente carnal, mas
Alma que te desejava pela
te dei a conhecer, pelo que
primeiro lugar, em
agora desejas, a Alma, e
desejas o corpo-me, mas
o prazer, a carne, a carne,
Orgasmo. explosão, o

FELINA COM TOQUES DE SEDA

Começaste a beijar-me os ombros, o pescoço e, eu deixei, senti-te...

Queria-te pelas saudades que tinha de contigo falar, de te sentir que me sentes...

Escrevemos sentimentos puros por o impuro nos chamar, como maçã-de-adão que um pedaço trinquiei, saboreei e gostei.

Assim te trinco, suave, com a língua nas tuas orelhas, sussurrando devagar para não te assustar, para não te espantar, pois a felina que há em mim de vez em vez desperta, andando à pancada com o sentimento que é sentir com toques de seda e, não com garras de felina.

Beije-te fogosamente, cortei-te a respiração para ta poder dar e de mim sugares o ar, a boca, tudo...

Olhei-te e olhaste-me, desejámo-nos apenas com o olhar, amámo-nos apenas com beijos fortes e mãos agarradas, a vontade era tanta, mas tanta que era melhor afastar-te... senão a maçã em vez de um pedaço, seria apenas caroço, porque o pecado mora em mim e eu nele habito sem hesitar, com prazer, delírio e gritos de orgasmos sucessivos, que me fazem bem sentir e sentir e sentir...

Sentir que sou desejada, um desejo carnal, mas igualmente desejada pela Alma que te dei, pelo que te dei a conhecer em primeiro lugar, a Alma, e agora desejas-me, mas desejas o corpo, a carne, o prazer, a explosão, o orgasmo.

Beije-te e penetraste-me apenas em escritos, devaneios desejados e sentidos, mesmo que nunca permitidos, mesmo que nunca... fecunda-me forte e eu serei tua, naquele momento, apenas naquele momento, um instante em que te darei a conhecer a felina com toques de seda...

Se um dia nos juntarmos, nesse momento, nesse pequeno momento que desejamos e não podemos, o vulcão que há em nós entra em erupção e ai, serei lava que queima sem doer, fumo que abafa com gemer, serei mulher, felina, serei...

O VENTRE DO MAR

Mar longe fecundado pelos raios de Sol
O calor do seu brilho flutua aquecendo-o
As ondas de algas salgadas penetram-no
Nessa imensidão de água sem fim...

Mergulhei em forma de sereia
E por lá fiquei, permaneci, nadei,
Fecundei também este mar imenso
De água com sal e cheiro a maresia

Humedeci o corpo, refresquei ideias
Molhei os cabelos e adormeci boiando
No calor do mar cheio de salitre
Entre o ventre da terra e o ventre do céu

Permaneci oculta neste mar do além
Neste mar salgado, nesta água com sal
Nesta praia sem fim...

CORPO OCULTO

Cabelos longos, pretos ocultam-me o peito
Molhados, sedosos, enfeitam-me o corpo
O único que deveria permanecer escondido
Pelo tempo que levou e por ter expelido

A anca é testemunha de barriga parida
Aqui os cabelos não chegam...
Aqui desnudam-se estrias...
E apenas os trapos aconchegam

O que o corpo pariu
E a estria pediu, feriu...

DIVAGANDO A ESCRITA...

Ultimamente penso muito e escrevo pouco
Penso, penso, divago e volto a pensar
São muitas as ideias que me visitam
São muitos os temas que me despertam

Mas o que gostava de em poesia colocar
Há muito que em mim deixou de habitar

Agora,
Agora apenas escrevo em prosa sem verso
Palavras banais e banidas também

Afinal,
Penso mas não escrevo, porque
Quando escrevo deixo de pensar...

Tenho saudades de escrever histórias vividas que nos prendem
sem amarras, que nos seduzem com palavras, mas parece que
elas de mim fugiram, essas escritas que em mim habitaram, es-
sas palavras que em mim viveram... acho que de mim se can-
saram...

DIARREIA MENTAL

Tenho sede...

Uma sede incrível de vomitar esta revolta que impera em mim

Uma sede inexplicável de expelir esta angústia

[que habita em mim

Uma sede inacreditável de cuspir esta ansiedade

[que pernoita em mim

Tenho fome...

Tenho fome de justiça que não está a ser feita

[e deixa-se corromper

Tenho fome da razão que foi comprada e esqueceu-se

[de aparecer

Tenho fome do bom senso que se escondeu e alguém

[a irá suceder

Mastigo e engulo bofetadas sem mão que me enjoam

[e me fazem vomitar

Bebo saboreando o amargo veneno que obriga

[em mim a pernoitar

A fome e a sede calam até o próprio silêncio para não

[mais me afirmar

A sobrevivência humana desafia-me,

[tira-me do sério e invade-me por fim

A sequência ilógica ganha terreno,

[despejando a honra permanecendo assim...

A continuidade da dignidade chora,

[porque querem-na matar e ela luta sem fim

E eu... eu continuo com esta sede de justiça,
[com esta fome de vingança sem nome
Mas não posso igualar-me, por isso
[recebo cada bofetada dando a outra face
Mas não posso perder a razão, por isso fecho os olhos
[e engulo o entulho...

A sede de jorrar gritos de aflição porque me consomem
[sem razão
A fome de dar murros no ar para não acertar
[a quem neles devia estar
Chamam-me, provocando ira e raiva, revolta e cólera,
[por isso me abanam

Para eu acordar e deixar de ser o certinho que apenas perde
[e nada ganha
Para eu assustar a honra, despertar a fúria e ser
[desalmadamente humana
Para eu espantar a alma, desarmando-me dela
[e ficar para todo e sempre

Uma Pessoa Desumana...

Deu-me esta diarreia mental, precisava de a agarrar,
sentir-lhe o cheiro para de seguida vomitar, assim o
fiz, mas mesmo assim e ainda assim, as cólicas não
se deixam despejar, quanto mais confessar...

A LETRA DA LOBA

Não sou tua mas o ciúme cobre-me o dorso
Invejo as lobas que te saciam e apapricam
Invejo os mimos que investes e acariciam
Espalhas charme e encantas-lhes o lombo

Quando as letras deveriam ser apenas minhas
Quando as palavras deveriam ser para mim
Quando as frases apenas em mim me tocassem
Quando os textos apenas a mim os dedicasses

Também o faço, eu sei, também o digo, eu sei...
Porque é o meu alimento, o meu saciar sem fome
Porque talvez também eu seja loba em vez de leoa
Porque nos alimentamos mutuamente, também sei...

Mas está a incomodar-me saber que de outras provas
Está a magoar-me sentir que não sou a única que gostas
Estou a ferir-me por saber que em outras te encostas
Está a doer-me ao sentir que de mim e em mim gozas

Gozas um prazer em ler-me por saber que te leio
Gozas um saciar de desejo e um amparo de anseio
Por isso me dou, por saber que o sabes amparar
Por isso te escrevo, por saber que o sabes desfrutar

Saboreio-te em cada palavra e em cada frase
Nelas me revejo e te sinto, me sacio e deliro
Quero-te meu e só meu, egoisticamente meu
Quero-te para mim e só para mim, apenas e

Apenas eu te entendo, eu te protejo, eu te fecundo
E tu eternamente me saciarás sem nunca parares
Sem nunca um uivo soltares, mesmo que sejas lobo
Porque eu deles cuidarei sugando cada um sem nunca

Mas nunca um uivo soltar e apenas a letra montar...

CIÚMES DESÉRTICOS!

Sim são ciúmes e depois?

Sim são ciúmes de quem não conheço, mas, e depois?

Sim, eu sei, são mesmo ciúmes como se fosse um sentimento de posse, mas, e depois?

São ciúmes desérticos porque não se conhece de quem se tem ciúmes

Mas o que é um facto é que os sinto

Sinto-os como se me partissem o coração

Como se me esventrassem

Como se me atraíssem

Como se eu fosse afinal, mais uma

Ciúmes de alguém que não sei quem é

Ciúmes de alguém que não conheço

Ciúmes de quem bem me trata, mas não vejo

Ciúmes de quem de mim cuida, porque sinto

Mas são ciúmes desérticos

Que tomo desse ser que sei que existe

Mas não sei onde, parte incerta, talvez

Apenas sei que existe

Existe na sua escrita

Existe nas suas palavras

Existe nos seus textos

Existe para mim apenas...

Sinto ciúmes de ti
Sinto ciúmes por ti
Ciúmes meus que me apedrejam
Que me sufocam, porque não os quero
Não os quero em mim
Nem por mim, nem por ti
Muito menos por alguém, ou seja, ninguém...

Ciúmes desérticos serão sempre
Porque não existe esse alguém
Existe um alguém
Mas eu não sei quem...

E de cada vez que te leio,
sinto-te, sinto-me
sinto as tuas palavras
fecundarem as minhas
E elas assumem-se
gostarem de receber as
tuas
Por elas fecundamos
orgias de letras sábias

A ORGIA DAS PALAVRAS

Leio-te devagar, sempre muito devagar, devagarinho
De cada vez que te leio, entristece-me a Alma
Não por te ler mas, por não te ter
Por isso te leio devagar a soletrar

E de cada vez que te leio, sinto-te, sinto-me
Sinto as tuas palavras fecundarem as minhas
E elas assumem-se gostarem de receber as tuas
Por elas fecundamos orgias de letras sábias

Que nos anseiam, nos esperam e aguardam
Não condenam, sim, é isso, apenas se amam
As palavras, as nossas letras, as nossas palavras
Colocamos a nu os nossos corpos de palavras

Despidas na Alma, e por elas penetramo-nos
Sem falar, apenas a sentir o que elas nos fazem
Deliram, suspiram, gritam, gemem, murmuram
Por mais e mais e mais, porque elas, as palavras

De nós, das nossas bocas se quererem soltar
Dos nossos lábios que tocados se humidificam
Molhando-as também, a elas, as palavras
Colocadas em ti e por mim com elas gemes

E tu em mim me penetras e por mim falas delas
São nossas, os nossos suspiros, os devaneios
De letras com sons de orgasmos, gemidos quietos
Que nos sugam até ao prazer de soltar um Uiiiiiiiiiiii

ALMA DE UM CORPO SÓ...

O meu corpo é a caneta
O papel é o teu corpo
Nele escrevo palavras suadas
Transpiradas e extasiadas

Essas palavras que do meu corpo saem
Que no teu corpo fecundo bem fundo
Foi o que exprimiram e me espremeram
Escrevo com o corpo, logo, o papel és tu

Deduzo que sim, mas quem é esse “tu”
Não sei, por vezes são um, outras vários
Tenho vários fantasmas em mim a habitarem
E neles gosto de penetrar, provocar também

São tantos os protagonistas que por vezes
Não os solto, quero-os todos comigo
Egoisticamente assim, todos para mim
Outras vezes apenas quero um

Talvez por ser especial ou,
Talvez por ser um momento, ideal
Talvez por me enfeitiçar ou até encantar
Mas apenas um em mim permito entrar

Neste mundo que é meu e só entra quem eu deixar
Mas no fundo e, apesar de ser mulher de Almas várias
Sou e serei sempre a mulher de um só corpo ou,
A mulher de um corpo só?!

Não importa...
Quando a Alma sente o orgasmo nas palavras
Que interessa ser Alma ou ser corpo?!
Sou Alma que se vem num corpo só...

E de um só corpo... por isso sinto,
Venho-me, contenho-me... mas também,
Expludo e embriago em palavras que,
Em mim provocam orgasmos sem fim.

LÁGRIMAS...

Não sei porque choro, sei que choro
Não sei porque se soltam estas lágrimas
Elas escorrem tão devagarinho que quase
Não dou por elas, quase invisíveis se tornam

Mas estão cá, estão dentro de mim, será por mim?
Sei que estão a acompanhar-me e não sei porquê.
Caem e fecundam a minha pele, a minha cara.
Não magoam ao cair, mas magoam ao sair.

Porque me fazem doer a Alma, porque não
Sei o porquê de elas se soltarem, será que
Querem de mim fugir? Fiz-lhes mal, será?
Não sei, mas eu também não as quero

Podem de mim sair, devagar, devagarinho,
Como estão agora a fazer, mas sem estragos,
Sem dor ou ardor, não vos quero e, pelos vistos
Também vocês não me querem, logo,

Saiam sem dar nas vistas, apenas eu saberei
Que saíram, mas saiam de mim, soltem-se
Eu saberei de mim cuidar, mesmo sem vocês
Que, me acompanharam em momentos destes

De tristeza sem fim, sem explicação mas
Com exaltação, por saber que um dia em
Mim habitaram e eu permiti, deixei e agora
Soltei por em mim não mais vos querer

Vão, soltem-se então, deixem-me chorar
Para que elas se soltem, deixem-me gotejar
Lágrimas de choro sem explicação e porquê
Mas sempre lágrimas que caem em pranto...

Lágrimas que me doem
Lágrimas que me fazem assim, chorar...

VERDADE APRISIONADA

Houve um tempo em que foste livre
Falavas sem preconceitos e sem telhados
Usavas as palavras feitas com preceitos
Sem paredes ou muros encruzilhados

Houve um tempo em que tu, pureza de verdade,
Mesmo sendo única conseguias igualmente
Ser também universal, com elegância e gosto
Temperos molhados e recheados salgados

Choravas por defender quem de ti chamasse
Fugias de quem tu sabias não ser livre
Pois a liberdade era a verdade, uma realidade
Com privacidade, mas com inteireza na sua certeza

Os tempos voarem e com eles voou a vontade
De seres livre, aprisionaste-te e deixaste-te levar
Permitiste-te ser uma tentação, juntamente com
A grandeza e a desonra, do que é ser a falsidade

Criaste a única ligação sem nó, elo ou união
Participaste no fogo sem pudor ou fervor
E aprisionaste-te com imenso furor
Tornando-te (in) sociável para muitos e...

(In) desejada para outros.
Permitiste que te confundissem com a mentira
Com a verdade oculta, não deixando sequer saber
Qual a verdadeira e eterna, derradeira verdade!

Uma verdade que um dia foi livre e...

Agora é prisioneira de si mesma, de ti!
Verdade sensível, verdade aprisionada
Deitada e enxovalhada na cama que fizeste

E não mais te levantaste...

Agora, és igualmente única,
Transversal e universal também,
Contudo...

Nunca mais foste realidade
Nunca mais foste livre
Nunca mais foste verdade

Tornaste-te prisioneira de ti, da mentira, por isso,
Agora és apenas e só uma, uno...
Una...

Verdade Absoluta
Verdade Impura
Verdade Inculta e,

Prisioneira de ti mesma,

Verdade sem transparência
Verdade sem coerência
Verdade...

Verdade Aprisionada.

AS PESSOAS SÃO SERES ESTRANHOS!

As pessoas são seres estranhos!

Quando está tudo certinho,

Quando se escreve o que as pessoas querem ler,

Quando se diz o que as pessoas querem ouvir,

Quando se faz o que as pessoas querem ver,

Fica-se eternamente grata, nem que seja por uma mentira ou várias, mas desde que o ego seja alimentado, tudo o que foi escrito, dito ou feito, até pode não corresponder à realidade, contudo, como aparentemente e, apenas e só aparentemente saram feridas abertas, tudo o que seja dito, lido, escrito, ouvido ou visto, é e será sempre um saciar de Alma enganada.

Nada surge nem urge de um nada, antes pelo contrário, fecunda-se num todo e num tudo. Mas este nada ninguém quer ouvir ou opinar e, caso aconteça, tudo muda, porque se torna difícil, cruel até, acreditar ou obrigar-se a acreditar que o mundo em nós não rodeia.

Se manifestamos uma opinião própria, fundamentada ou até, se opinarmos alguma espécie de dissertação, uma espécie de pensamento em voz alta, discordando de algo a que as pessoas estavam habituadas a sentir, tudo se transforma.

As pessoas deixam de ser o que eram,
Deixam de ouvir o que era suposto ouvirem,
Deixam de sentir o que era suposto sentirem,
Deixam de escrever o que era suposto escreverem,

Pura e simplesmente deixam... deixam de ser elas...
Deixam de ser as pessoas que nos habituaram a ser o que sempre foram, talvez com receio de serem as próximas a serem expostas, talvez com receio que sejam as próximas a serem algo que até, nem sabem muito bem o quê, mas o receio de serem as próximas afastam-nas das suas realidades, das suas vidas mais ou menos serenas, aparentemente... mas afastam-nas de se voltarem a comportar como se têm comportado até então...

Tudo muda, tudo fica diferente pois, foi-lhes tirada a sua vez, a sua oportunidades, a sua vontade própria de um ego saciado, de um alimento alimentado, venenoso, é certo, mas sustentado.

Deixaram de ser elas, não por não saberem que o foram, mas porque sempre assim foram e, ao mínimo desafio revelam-se o oposto do que escreveram, ditaram ou manifestaram.

As pessoas são seres estranhos!

O ser humano é estranhamente cruel com a sua espécie, com as outras também, mas em particular com a sua própria unidade que se manifesta muitas vezes na escrita e, na escrita se desnuda, mas igualmente se transfigura, usando uma constante mutação do seu ser, do seu interior para mostrar o seu exterior de forma firme, de forma arrojada mas sempre e afinal tão banalizada...

E, ao mudarem, falam escondidos, escrevem segredando e opinam receando... não se apercebem o quanto mudaram porque

lhes desafiaram e, quem desafiou sente e vê, vê com a Alma e sente com os olhos o que mudou.

E tanto mudou!...

Mudou tanto que já nada era o que era, logo, o nada para que ninguém queria olhar, porque queriam o tudo, começa a ser sentido como se fosse o todo e, afinal, o nada sempre foi o tudo e o todo, apenas nunca foi desafiado, apenas nunca foi fecundado com desafio de Alma de gente, que sente ser capaz de ser desafiada sem ser magoada, sem ser transmutada, sem ser..., apenas... porque é gente...

Mas...

As pessoas são seres estranhos! Estranhamente cruéis entre si... desafiem-nas e sentirão o quão estranho elas poderão ser...

A GAVETA DOS CURRICULA

Inicialmente somos uma gaveta aberta.

A vida passa e ela vai-se fechando, ficando semi-aberta.

Os anos chegam e de semi-aberta passa a semi-fechada.

As décadas avançam e a gaveta acaba por se fechar... em si...

Ao quisermos abrir novamente a gaveta, olhamos para trás e, verificamos que passámos uma vida inteira a fechá-la ao invés de abri-la. Nós próprios, humanos que, construímos a nossa vida, acabamos igualmente por destruí-la, fechando essa gaveta que um dia para nós se abriu e, agora se fechou.

Limitamo-nos a fazer o trabalho mas não inovamos, não nos permitimos inovar, criar, ser autores de algo, algo a que não estávamos acostumados a fazer, mas algo de novo. Ao contrário, rotulamo-nos através do nosso percurso de vida, de uma vida de trabalho que não foi mais do que trabalho sem criação.

O ser humano tem um enorme potencial, uma infinita e ilimitada capacidade de inovar, criar ou inventar, reinventar também e, porque não engendrar, mas, para muitos não é visível a olho nu, nem sequer imaginável quanto mais fazível.

Rotulamo-nos através dos curricula tendo como fio condutor o nosso passado, o nosso trabalho, impedindo um olhar para a frente, dificultando o novo e potencial fenómeno a que chamo inovação.

Conseguimos ser tanta coisa, aliás, somos e podemos ser o tudo, de todas as formas, de todas as maneiras senão nos limitássemos a fazer apenas e só, o que nos habituámos uma vida inteira a fazer.

Os profissionais da área deveriam ser os primeiros a manter a gaveta aberta, mas no entanto, fecham-na, impedindo a passagem de novos horizontes, de novos criadores que a experiência de vida lhes deu, mas igualmente tirou, isto porque, existe uma clara e inequívoca perseguição sem pressa, livre e aberta aos currícula.

Ao invés de um olhar para lá dos currícula, deveriam ter um olho clínico e saber observar o potencial que cada indivíduo tem em si, mas não, limitam-se a olhar sem lupa para uma experiência de vida que deu muito a ganhar, mas igualmente a perder, pois não nos vêm como gavetas abertas, semi-abertas também não, se nos virem como gavetas semi-fechadas é sorte, porque a regra é olharem-nos eternamente como gavetas fechadas.

E, destas gavetas que, afinal, deslumbram um potencial de criação e inovação que a experiência de vida deu, apenas lhes restam a força de abrir para não fechar, porque os terceiros fecham-nas, mas nós, com força, motivação e determinação iremos mantê-las eternamente abertas, fomos alunos, somos aprendizes, mas, insistentemente ensinamos sem aprender, quando deveríamos aprender ensinando.

PALAVRAS OCAS

Hoje tentei escrever.

Escrevi vezes sem soma que até perdi a conta.

Escrevi versos com e sem rima.

Escrevi prosa de palavras ocas e até escrevi palavras sem nexo, vazias ou fúteis, mas escrevi e depois simplesmente desisti.

Espero não renunciar a este texto que nem sei o que daqui possa sair, mas espero...

Já me passou pela cabeça deixá-lo, renegá-lo ou simplesmente largá-lo, mas ainda aqui estou, a escrever, não sei muito bem o quê, mas estou...

E, em simultâneo penso se deva ou não escrever, aqui e agora, o que tantas vezes escrevi, o que tantas vezes senti, mas apenas no papel ficou e no lixo ficou.

Papéis machucados, rasurados e rasgados...

Foram tantos os que escrevi, que para uma fogueira acender e a Alma aquecer dava e sobejava, mas também não importa, pois aqui e agora partilho, um desses papéis que em mim passou e em mim ficou.

Enfim, decidi-me a partilhar algo sem muito pensar, palavras ocas, vazias e insignificamente inúteis, mas aqui vos deixo, sem sentido ou rima, é certo, mas lembro e relembro, são apenas palavras ocas...

Lágrimas que caem, pensamentos que voam
O Outono chegou e com ele veio a tristeza
Despi o Verão, deixei as ondas e o mar
Vesti-me de folhas pálidas e ocas também

O Sol chora sem brilho, a minha cara tapada sem brio
Esconde angústias e receios, dúvidas e incertezas
Vivo neste momento uma vida sem vida, sem nada
Escrevo e não escrevo, porque nada digo, nada falo

Luto comigo mesma, uma luta sem fim, uma luta que de mim
Ninguém vence e ninguém perde, sou apenas uma, mas a
Luta continua, como se de mim eu não fosse, e fosse apenas
Assim... duas e nunca uma ou uma e nunca duas?!...

Estou em estado de choque, um choque com honra,
Mas palavra perdida e nunca preenchida, por momentos,
Breves instantes, apenas, poderiam ser sorrisos pequenos
Mas, nada mais me perfaz, porque em mim nada mais há...

Não se preocupem são apenas palavras, fúteis é certo, mas pa-
lavras atadas e atadas sem nós, palavras apenas, afinal, não pas-
sam disso mesmo, ocas...

Estamos a ficar máquinas
e a espécie humana...
mas o cérebro.
Somos, o que fomos e
estamos a destruir o humano

tem, a sensibilidade, pois
as máquinas estão a
tomar conta de nós e,
estão a destruir-nos,

HUMANOS ROBOTIZADOS

Telefone para qualquer serviço de bem essencial, e do outro lado, atende-me um atendedor automático. Solicita-me que selecciono uma das operações disponíveis, uma lista infinita de opções que supostamente estão de acordo com as minhas necessidades do momento, mas cuidado, não posso enganar-me, pois seria começar tudo de novo.

Ao seleccionar a operação e, com sorte, pode ser que não seja a última da fila, pois obrigava-me a ouvir tudo o que não me interessava.

Chego à voz do operador e penso.

— Ufa, até que enfim, uma voz do outro lado, um atendimento personalizado, alguém que me entende e que não está padronizado, nem pela máquina, nem pelo serviço.

Acontece, porém, é que a voz do operador está igualmente mecanizada.

Parecem cassetes gravadas, não ouvem, logo não pensam, se não pensam não opinam, são simplesmente operadores robotizados, sem quaisquer emoções de irritabilidade ou até emoções opostas.

Por trás das máquinas deveria haver um cérebro, mas esse cérebro está a deixar de pensar e a permitir que a máquina responda por ele.

Está a parar sem dar luta e o pior, é que as pessoas vêem, sentem, mas igualmente permitem por não resmungarem.

O contestar está em desuso e até percebo porquê. Porque contesta-se pelo tudo e pelo nada e, quando se deveria contestar o que realmente importa, as contestações são tantas que rapidamente se banalizam, não sendo sequer possível discernir o urgente do importante, o fazível do imaginário, o aceitável do inaceitável.

Quantas são as vezes que procuro uma atitude personalizada, um atendimento pessoal, uma resposta cabal? Tantas, mas infelizmente as massas estão a tornar-se massivas, despersonalizando o humano e personalizando a máquina.

Contesto vezes em conta.

— Parem meus senhores, parecem cassetes gravadas. Não me estou a fazer entender e os senhores parecem não querer compreender.

Até percebo porquê, recebem ordens e dessas ordens apenas podem fazer o que supostamente uma máquina faz, apenas podem dizer o que está estipulado dizer, apenas...

E, onde ficam as emoções, onde estão os padrões humanos pelo qual nos devemos reger por sermos isso mesmo, humanos? Não sei. A liderança dita que assim deve ser e, por ser mais rentável, aparentemente, note-se, a regra mantém-se, isto porque, da excepção até a regra já se rendeu.

Estamos a ficar máquinas sem cérebro.

Estamos a dispensar o que de melhor o humano tem, a sensibilidade, pois as máquinas estão a tomar conta de nós e, estão a destruir-nos, estão a destruir o que somos, o que fomos e não mais seremos... a espécie humana...

FRAGMENTOS DE VIDA

Levantei-me e fiz as minhas obrigações matinais.

Depois de ler um texto sobre a gestão da mudança, decidi fazer o que há muito na minha cabeça pairava. A minha vida mudou e, pese embora esteja a ambientar-me a esta nova vida, há sempre arestas para limar, de modo a não nos tornarmos nómadas, neste novo percurso de vida.

Uma vida que outrora estava encaminhada, aparentemente nada precisava, dinheiro e vontade própria não eram abundância, mas também não faltavam. Agora, a vida é outra, o dinheiro é contado mas a qualidade é maior, por isso, estou a aprender a viver uma vida particularmente melhor e, sem comparação possível à quantidade que, nunca foi sinónimo de qualidade.

Estava com umas calças de ginástica pretas e um top de alças igualmente preto. Calcei uns ténis leves, próprios para correr e, de seguida coloquei à cintura uma bolsa onde iria colocar o telemóvel, de modo a poder ouvir música enquanto corria. Saí e deixei o portão do jardim encostado, pus-me ao caminho e comecei a correr de phones nos ouvidos.

A primeira música foi de Roberto Leão, «so sei que no lo sei nada...» era o refrão. Enquanto corria e ouvia música penetrava num mundo isolado do próprio mundo, uma experiência nova, fora da rotina, fora do padrão até então traçado pela minha pessoa e, que queria mudar para não me tornar sedentária.

De repente dou comigo a acelerar o passo, a música soa triste e a revolta deu para me visitar, desforro-me na corrida, nos braços que acompanham o corpo, no batimento cardíaco, na respiração ofegante. Corri e corri e corri até que, parei, parei devagar para nada me acontecer, era algo a que não estava habituada, por isso, cuidei para que nada pudesse suceder.

Começo a andar em passo largo e sempre sem parar.

Dou comigo já fora da estrada, longe dos olhares curiosos que assobiavam para um corpo aparentemente esbelto, ainda, mas apenas aparente, porque se o vissem despido veriam que o tempo dele não se esqueceu. Mas dou comigo a andar em caminhos esquecidos no tempo, vazios de gente e cheios de ar. Um ar que queimava com a cumplicidade do sol.

E, quando neste caminho estou a música muda, já não oiço nem Roberto Leão, nem os Amália-Hoje, agora oiço música que a minha filha gravou no meu telemóvel, uma música disco, tipo “I Want to Live in Ibiza” ou “One Love”, uma música com ritmo que me fez esquecer a revolta ou a angústia.

Visto estar sozinha o ritmo dos meus passos começaram a acompanhar a música, já não corria mas também não andava. Comecei a fazer uma espécie de ginástica ritmada, ao som, ao ritmo que a música exigia. Decididamente o meu corpo ganhara nova vontade própria, desobedecendo-me, enfrentando-me se preciso fosse para que o deixasse fluir, voar e esquecer onde estava para apenas deixar-se ficar, sem dono..

Dancei com a força que sempre tive para dançar, a respiração ofegante desaparecera, o batimento cardíaco embora acelerado era outro, a vontade de gritar e pular eram uma constante e, quem dali me observasse pensaria com toda a certeza, esta sendo louca, dança sem música e espalha alegria, mas apenas

aparente, pois a música só eu a ouvia, a alegria estava nos fragmentos dos momentos agora vividos, logo, apenas aparente.

Dancei e dancei, pulei e gesticulei, também cantei, sabia que estava no meio do monte, no meio do nada e, podia observar o tudo, estava em cima e a vila em baixo. O som do silêncio era apenas interrompido com o meu cantar, logo, estava à vontade, sem olhares indiscretos, corpos curiosos ou ouvidos despertos.

O cansaço embora se tenha apoderado do meu corpo, libertara em simultâneo a mente, voltei a sentir-me viva, pois há muito que uma loucura destas eu não fazia. Estava a precisar, definitivamente estava a necessitar de romper com a Ana certinha para poder por breves momentos, fragmentos de vida ficar algo louca, algo viva.

Fiz o caminho inverso a andar em passo largo, ora andava, ora corria, ora caminhava, ora passeava, aqui com um passo mais moderado, mas nunca devagar. Quando a casa cheguei ainda fui para o jardim dançar, continuava com os phones nos ouvidos, a música disco a por mim puxar, por isso, continuei a dançar.

Quando a música parou pensei, repito ou chega?!

Decidi que chegava, amanhã seria outro dia e, com toda a certeza outro devaneio me iria visitar. Coloquei o telemóvel e os phones de lado e, subi as escadas de madeira, enfiei-me na banheira e por lá me deixei ficar. Quando saí era outra, estava renovada, com energias redobradas, sentei-me no escritório e decidi escrever o que agora estão a ler.

Quebrar monotonias é algo que desejo nunca terminar em mim. A vida pode ser longa ou curta, mas não deixa de ser feita por fragmentos de Vida.

DESTINO...

Do destino não se foge
Contornam-se vários obstáculos
Por diferentes caminhos e trilhos
Vagueamos porque optámos

Mas foi esse o destino que nós quisemos
Ou, o destino que o destino quis?!...

A maior incógnita
A maior surpresa
A maior dúvida
A maior (in) certeza...

Somos o destino e de nós não fugimos... refugiamo-nos.
Soltamos sem mais nada palavras que nos fazem sentir...

UM SONHO ACORDADO

Estava a escrever um romance e, estava algo cansada quando me deitei um pouco a ver o meu canal preferido, o *Discovery Civilization*, nisto adormeci, mas adormeci tão rápido, digo eu, que, quando acordei, acordei com o barulho da chuva a bater no vidro. O meu quarto é uma água-furtada, pois quando construí a minha casa decidi que todos os quartos seriam nas águas furtadas, assim o fiz, todo forrado a madeira do chão ao tecto tornou-se quente e acolhedor, mas tinha deixado a porta da casa de banho aberta, e a chuva batia no seu vidro com a força de uma pedra ao ponto de me acordar.

Acordei repentinamente e de forma sobressaltada, estava algo perdida no tempo e no espaço, pois não sabia se era a personagem do romance que estava a escrever ou, se era a personagem egípcia que vi no programa *Discovery Civilization*, a única coisa que sabia era que estava estranha e completamente perdida.

Sentei-me na cama para melhor entender o que se estava a passar e, vi luz no corredor. Saí da cama e numa correria fui ter ao quarto do meu filho, pois tinha igualmente visto luz no seu quarto. Mas o que vi não foi o meu filho e sim a minha filha, ela estava no computador do irmão a jogar o jogo preferido dela, os Sims. Desatei a barafustar com ela, pois percebi que tinha acordado e que tudo não passava de um sonho. Desatei a barafustar com a minha filha, pois pensei que era de madrugada e, a minha preocupação é que amanhã seria dia de aulas e ela não deveria estar no computador àquela hora, ela só me dizia...

— Mas mãe, ainda é cedo...

— Não é cedo nada, sabes que horas são?

— Oh mãe, *pleassssse* (dizia-me ela com aquele ar de quem sabia muito bem que horas eram)

Acontece que eu não sabia as horas, não via a claridade do dia, estava atordoada com o sonho e pensei que ainda estava a sonhar, agora estava duvidosa até do meu acordar...

Peguei no telefone e telefonei para o restaurante, onde o meu marido estaria a trabalhar se fosse verdade ser cedo, nem me deu para ir ver as horas que era bem mais simples, mas, é como digo, estava completamente sem saber se ainda estava a dormir ou acordada, perdida no tempo e no espaço, perdida até no mundo em que vivia, perdida mesmo...

Do outro lado da linha atende-me o meu marido, começa a contar o sucedido de forma atabalhoada e, sem parar...

— Estás aí? Que horas são? É Domingo ou Sábado? O que aconteceu?...

Enfim, um conto de perguntas para obter respostas, acontece que, do outro lado muito menos se sabia o que se estava a passar, até que a minha filha vem ao telefone e explica ao pai que eu estivera a sonhar, mas que ainda estava por acordar... isto tudo num frenesim de risos quer de um lado da linha quer do outro...

Bem, passado um tempo desci as escadas igualmente de madeira e, comecei a fechar as portadas da cozinha, do salão, da casa das máquinas, enfim, da casa, enquanto as fechava tentava organizar as ideias e, aos poucos apercebia-me que ainda era Domingo, perto das 8 horas da noite e, que o sonho que tivera de facto era a única realidade tida no momento.

Pois, de facto, sonhei com a personagem do romance que estou a escrever e, igualmente com a personagem do programa que vi no canal Discovery Civilization, o resto, tudo o resto foi um sonho que vivi acordada, no meio do nada, sem espaço e sem tempo e, que demorou a acordar.

Agora bem acordada estou a escrever as palavras que estão a ler, vá-se lá saber porque raio queria o sonho acordado fazer-me sentir estar ainda a dormir...

Nota: Já estava a ficar algo preocupada pois nada escrevia há dez dias a não ser o romance que estou a escrever e, até julgava que a inspiração se tinha ido... foi preciso sonhar para saber que este sinal é o que precisava de sentir para saber que a inspiração comigo ainda está...

ÂNSIA POR MIM

Como posso ter chegado a este estado de passividade incerta
A um estado de cansaça dúbia por ser tão inconstante
Um estado de fraqueza mórbida, por a quietude ser a minha sina
Como posso ter chegado sem ter partido a este estado de inércia

Conto os minutos, as horas, os dias e as semanas e, volto a contar
Os dias passam, as semanas também e os meses nem os ver
São estados que duram e perduram, eles vieram para ficar
E eu acatei-os, deliberadamente ou não, não sei, mas recebi-os

Agora estou neste estado de insatisfação e ansiedade constantes
Numa incerteza que a certeza chegará, mas não aquela que quero
Chegará e permanecerá aquela pela qual fujo sem correr ou mover
Mas fujo conscientemente ou não, não sei, mas sei que fujo parada

Como posso ter chegado ao desequilíbrio de uma causa sem razão
Pode ser aparente essa razão, mas é a que prevalece e me prende
Sei que não devo ouvi-la porque quero ser sentimento e nunca razão
Mas este estado está a tirar-me o sentimento, não o todo, mas a parte

Aquele que me alimenta, me sacia, me devora e me provoca... ânsia
Não de ansiedade ou de passividade, não de inércia ou indiferença
Mas a ânsia por querer ser novamente turbilhão, vulcão sem larva
Mas sempre frenesim, inquietude, desejo-te mais do que nunca ser

Novamente assim... ânsia por mim...

O BURACO DA ESPERANÇA

Toca o despertador!

Era mais um dia de trabalho. Depois da minha higiene matinal sento-me à frente da TV para ouvir as notícias e tomar o pequeno almoço.

Um canal, e a desgraça é a notícia
Outro canal, e a pobreza é a notícia
Outro canal ainda, e o desastre é a notícia

São constantes as notícias sobre os desentendimentos políticos, as catástrofes naturais ou as guerras humanas. São uma constante a informação que gera o sentimento de toda a espécie desumana, menos a humildade e o amor com bom senso à mistura.

Penso: «pelo menos no meu trabalho estou desligado do mundo».

Quando ao trabalho chego e, depois de ter uma vez mais presenciado à degradação de valores humanos em que vivemos, a escuridão, a terra virgem e o aperto no meio da pedra tornam-se no meu aconchego.

É o meu trabalho, o meu suor, a minha dor ausente, o meu «eu» a questionar-me o que faço aqui ou o que não faço lá em cima e, estava perdido com os meus pensamentos e as mãos ocupadas com o trabalho que me sustenta, que sacia a fome da minha família, umas mãos que cuidam para viver, quando, de repente, oiço um estrondo.

Sinto a terra a tremer, oiço gritos de pânico e dor, sinto-me encurralado e sem ar, sufocado sem respirar.

Questiono: «O que está a acontecer?»

Penso: «A guerra rebentou lá em cima.»

Constato: «Não! É a mãe natureza que se revoltou.»

O susto apodera-se do meu corpo, as mãos que dão vida à vida param para me proteger a cara. Estou em pânico, não quero estar aqui, prefiro estar no meio de um mundo sem valores, da pobreza e podridão, mas prefiro a luz do dia que a ausência dela.

Silêncio!

Os estrondos param.

Os gritos dissipam-se.

E o silêncio da morte chega.

Estou preso, encurralado, mas vivo.

Chamo para sentir alguém, para me ouvir e sentir-me acompanhado e de seguida oiço uma voz, depois outra e mais outra, e mais outra ainda, até formarmos um coro de alegria por estarmos vivos.

Aos poucos a minha solidão começa a fazer companhia à solidão de outra pessoa, e mais outra e outra ainda, juntando-se todas numa única solidão, aquela que está afastado do mundo real, aquela que vive nas trevas, aquela que vive sozinha, uma solidão solitária.

Agora não sou o único.

Somos muitos, vários até, 33, a idade de Cristo. A representação máxima de uma idade que nos questiona ser a salvação ou a morte certa.

Os dias passam, as semanas também e de cima enviam-nos alimentos e palavras de conforto e coragem. Sabemos que as divergências políticas pararam, o dinheiro calou-se, porque os esforços para nos resgatarem não tem preço, apenas tem preço em cima da terra, cá em baixo valorizam-se valores e não o valor.

Já passou um mês. Eu em conjunto com os meus colegas unimos-nos pela ausência de uma certeza. Aquela incerteza se vamos ou não sair daqui, com ou sem vida, aquela incerteza se algum dia sairemos daqui, aquela incerteza... não permite que a certeza se aproxime de nós.

Mas se não sairmos saberei que contribuí para uma causa, para uma união de esforços em que os valores ganharam terreno em detrimento do valor, do silêncio do dinheiro, esse que fala sempre mais alto, por que o habituaram a tudo girar em torno dele.

Já passou um mês e mais uns dias, talvez semanas, está quase, sei que está quase, mas, até lá, vou questionando-me sobre o que realmente é a vida, a morte, ou a simples existência...

Parece que o dia chegou.

É hoje que irei sentir a luz do dia.

Hoje, dia 13 de Outubro, dia de Nossa Senhora de Fátima... não há coincidências...pois não! Somos apenas 33 e no dia 13 de Outubro dá-se a salvação, mas não há coincidências.

Quando subo e chego à superfície sinto o calor humano, sinto a satisfação e a glória de uma batalha vencida mas uma guerra por vencer, aquela que nos dá protecção para não mais voltar acontecer, mas será o dinheiro uma vez mais que irá mandar.

Morri e renasci.

Renasci de uma Mina.

Renasci do buraco da Esperança...

Nota: Texto em honra dos 33 mineiros que ficaram soterrados nas Minas do Chile.

O PESADELO DA INSÓNIA

O pensamento flui, o corpo adormece, o tempo passa e nada acontece.

Durmo para esquecer o tempo e sonho para não acordar.

Divago nesta silenciosa solidão que em mim se abateu.

Bati fundo, eu sei, estou a sentir cada minuto, cada hora interminável, cada dia infernal, cada mês de esperança... adormecida, talvez...

Penso e divago, olho sem olhar e sonho acordada.

Não durmo, pois a insónia em mim se instalou.

Já lá vão uns dias, não sei...mas esta silenciosa ansiedade tornou-se na minha força ou, talvez na minha fraqueza, porque dela não saio, porque nela caio num poço sem fim... nela estou e ela em mim me prostrou...

A mente trai-me como se não fosse mais a minha dona.

Luto com ela e ela de mim foge, desisto ou não?! Não sei...

Parecem intermináveis estas horas que a vida me ofereceu, esta vida que o destino me deu.

Parecem fúteis estes dias sem ganhos, proveitos ou frutos...

Parece inútil e inócuo este tempo que me leva sem eu saber, sem eu sentir... sem eu produzir...

Calo-me e sento-me, consinto e escrevo, nada sei, nada escrevo, nada digo e nada falo, pois também nada faço, nem divago, nem penso... apenas sonho um sonho acordada ou será um pesadelo sem fim?! ...

É isso, deixou de ser um sonho para ser um pesadelo, sou eu que dele faço parte, tornei-me nele mesmo, num peso sem dono, sem eira nem beira, num canto da casa, numa qualquer, não importa, assim me deito e fico, para sonhar e deixar voar o pesadelo que há em mim... o pesadelo da insónia...

Estamos numa noite de luar em pleno Outō
A Lua aquece uma noite que era para ser fria.
Ouve-se o canto dos grilos na escuridāo, lá fora.
A terra estā com cheiro a lareira, mas nāo estā frio.

OUTONO!

Estamos numa noite de luar em pleno Outono.
A Lua aquece uma noite que era para ser fria.
Ouve-se o canto dos grilos na escuridão, lá fora.
A terra está com cheiro a lareira, mas não está frio.

Um Outono marcado pela ausência da queda da folha.
Uma sólida e refrescante Lua que nos aquece e alumia.
Uma estação que o vento soprou, mas não chegou.
Um ciclo que deixou de ser cíclico, porque renasceu.

Como se de uma Primavera fosse e florescesse.
O silêncio da noite aquece-me a Alma.
A luz da Lua aquece-me o corpo.
Sinto-me aconchegada... embriagada...

É tão bom sentir esta silenciosa Lua de grilos cantantes.
De vozes ausentes, de luzes presentes, estrelas no céu.
Pairam, iluminam e refrescam-me na calada da escuridão.
Cegará com a luz do Sol que arrefece um amanhã de manhã.

O SEGUNDO DEPOIS DO PRIMEIRO

Passava os dias com uma angústia sem explicação.

Era como se tendo tudo, tudo me faltasse, não tendo nada, tinha tudo. Uma espécie de confronto emocional gerado por mim e contra mim.

Os dias passaram e este confronto foi gerando uma paz interior, algo que me atormentava mas de forma serena.

O dia chegou, estava ansiosa mas igualmente calma, nervosa mas também eufórica, contida mas explícita, enfim, uma panóplia de sentimentos que me chagaram quando o dia igualmente chegou.

Um dia que foi especial, um dia recheado de emoções, umas fortes, outras menos fortes, um dia diferente, mas nunca igual como o primeiro.

O primeiro deste segundo dia em que estava de vermelho vivo com salpicos de preto, ao contrário do primeiro que contrastei com o creme, a ondulação negra dos meus cabelos, foi inegavelmente mais emocionante, talvez por ter sido o primeiro, talvez por ter sido loucamente sensato.

Neste segundo dia em que a angústia habitou em mim, numa constante sem fim até que o dia chegasse, permitiu-me amadurecer posturas, ideias, comportamentos e até ideais. Contudo, tinha que me sentir viva, não tão loucamente saudável como o primeiro dia, mas algo que me fizesse estar viva, em carne viva.

O dia fechou algo amargurado para mim, talvez pela solidão que senti quando saciei a fome com a carne que escrevi. Mas, definitivamente, estava embriagada num vazio inexplicável, como se a carne outrora saciada não me tivesse matado a fome de sentir, pelo contrário, apenas me apagara sem brilho, sem rasto, sem sangue...

Hoje é o dia seguinte ao dia em que a angústia foi morta.
Ela saiu de mim e em sua substituição deixou o vazio.
Um vazio ilimitado mas com espaço limitado.

É assim que me sinto, perdida num vazio sem tempo, num espaço confinado a pequenos passos que me sufocam com ar, ao contrário de outrora, que foi um espaço de refúgio e aconchego, um espaço em que a liberdade era respirável e a prisão impen-sável.

MAREMOTO

Subi as escadas rapidamente, corri, subi e corri, algo desejosa de chegar ao último andar.

Lembro-me que eram duas torres muito próximas uma da outra, lá de cima podia vislumbrar o mar, as dunas de areia, os bares, as rochas, as pessoas em forma de formiguinhas.

O barulho começava a ser ensurdecedor, sempre a correr e sempre a subir, estava de mão dada com alguém mais novo, penso que era uma menina, seria a minha filha?! Não sei!

Quando chegámos ao último andar, conseguimos ver lá em baixo o recuo do mar mas, de repente e, quando espreitámos pela janela vimos um barco de cor verde tropa com um desenho de uma boca de tubarão na lateral, este queria à viva força quebrar o vidro para deixar entrar o mar. Resguardámo-nos para baixo da janela tapando os ouvidos para que o barulho não nos assustasse ainda mais. Estava com medo, muito medo. Medo do vidro se quebrar e a água entrar, medo do barco com boca de tubarão, medo das tropas que ao mesmo tempo vislumbrava lá em baixo, em cima de dunas de areia sem mar.

Era a confusão, era o delírio, o pânico, o pavor.

O mar começara a recuar e o barco com boca de tubarão a afastar-se.

Começo novamente a ver outra onda mas ligeiramente mais pequena que esta última. Aproveitámos e descemos em correria pelas escadas a baixo e saímos para a rua, por forma a podermos fugir de futuras ondas que sei iriam chegar.

Corremos as duas e corremos entre prédios brancos, caminhos de lama, estradas sem alcatrão, arbustos vivos, continuámos a correr até que, avisto a minha mãe a dizer-me para segui-lhe. Assim o fiz, segui-a e entrámos, agora as três, numa outra torre exactamente igual às duas que deixámos para trás.

Uma vez mais o estrondo de uma onda iria afogar-nos. Senti a terra tremer, o barulho do mar, a revolta da onda e... quando já no topo da torre estávamos, sentimos a onda a passar por cima de nós sem nos tocar, sem nos derrubar, sem nos machucar, apenas o medo, o pânico, a incerteza de que sairíamos dali vivas era a constante.

Novo recuo e o mar começa a baixar. Consegui ver novamente o barco com boca de tubarão a aproximar-se de nós. Olho para outra janela e vejo as tropas aliadas a chegarem e a formarem fileiras de ataque, não sei porquê mas as tropas inimigas foram atingidas pelo mar e outras foram resgatadas pelas tropas amigas. O barco com boca de tubarão desapareceu, o Sol raiou...

Finalmente o mar acalmou, as tropas dissiparam-se e eu acordei... estava a ter um pesadelo...

A FALSA AMIZADE

A máscara cai e rapidamente o vermelho de uma cara envergonhada fica desnudada.

Uma cara que supostamente deveria se sentir humilhada, por não ter cumprido a palavra, por não ter honrado a sua própria palavra, mas, ao invés disso, troça com cara vermelha, não de vergonha mas sim de gozo escondido.

Dizem que as amigas são verdadeiras quando delas precisamos, mas por vezes quando delas precisamos é quando estamos mal e, elas aparecem não por estarmos mal, mas porque gostam de chafurdar e estar a par do mal, para se sentirem melhores, seguras e até enaltecidas no seu super ego.

Eu digo que as verdadeiras amigas sobressaem quando sentimos que elas por nós ficam felizes, quando elas por nós não falham, querem-nos bem, por isso, comparecem a datas importantes das nossas vidas que, até são datas alegres por isso comparecem, porque gostam de nos ver felizes e não tristes.

Mas nem sempre assim acontece, porque quando os dias são nossos, os amigos que se intitulam amigos não aparecem, porque não somos importantes, porque existem outros que estarão lá para nos alegrar e, assim como pensa uma amizade pensam muitas amigas e, o dia chega e queremos partilhar a alegria e nada partilhamos, porque com quem gostaríamos de partilhar não apareceu, desculpou-se com uma (des)culpa esfarrapada que pensa enganar mas nada enganou.

Consegue-se subtilmente perceber que não existem amizades verdadeiras e, quando existem são poucas, raras, raríssimas diria, umas porque estão connosco quando estamos mal, mas não para nos apoiarem, outras porque não estão quando estamos bem, igualmente porque não suportam nos ver bem.

E, quando descobrimos tardiamente a faceta de alguém assim, faz doer, pensar e divagar afinal e, uma vez mais, onde estão os valores porque tanto apregoam?! ...

Outros há que, nada esperávamos e comparecem porque sabem que estamos bem, por isso, aparecem para igualmente connosco ficarem bem, essas, eu fico pasmada, deslumbrada e honrada por ter a sua amizade.

A amizade chega onde menos esperamos que haja alegria...

ESCRITA REAL!

Há muito que não escrevo, não conto uma história de encantar. Há muito que procuro inspiração em mim, mas ela de mim não cuidou.

Há muito que me desencanto por não saber o que escrever.

Dizem que a maior dor de uma pessoa que gosta de escrever, é estar em frente ao papel e nada nascer.

Dizem, não sei! Mas começo a acreditar seriamente num pedaço de papel branco, que apenas preencho de letras e palavras pretas, para comporem um texto que nada diz, que nada sente, que nada faz...

Como agora que escrevo o que não sei e penso no que não escrevo.

Há muito que sinto que deveria escrever tudo o que me passa pela cabeça, desde as revoltas, tristezas, alegrias, compromissos, honras, palavras, tudo... mas depois, a preguiça habita em mim e fico-me pelo pensamento.

E, quando desejo escrever o que outrora pensei, já nada me inspira, já nada me chega, nada penso e depois, consequentemente, nada escrevo.

Estou a perder o que ambicionei, estou a perder-te, porque o canto de histórias encantadas já não são encantadas, mas sim apenas palavras.

Há muito que nada escrevo ou, que nada de jeito escrevo.
Há muito que perdi o rigor, se é que um dia o tive.
Há muito que a inspiração me deixou, se é que algum dia a tive.

Afinal a minha vida esgotou-se, escrevi o que vivi e o que sonhei.

A escrita chegou aos dias de hoje e por isso, nada mais tenho para escrever.

Os sonhos apagaram-se e agora nem sonhos, nem pesadelos, logo, também aí não me posso refugiar e enganar a escrita, enganar quem me lê, enganar-me ou, enganar a realidade que não é nem pesadelo, nem sonho, não é passado, nem presente, nem futuro, é apenas a escrita real.

Há muito que nada escrevo!

Porque a escrita deixou de ser real, para ser Real...

O PODER DO PODER!

Não me lembro ao certo do dia, nem do ano, mas...sei que foi há relativamente pouco tempo, talvez um ou dois anos, não sei!

Estava no trabalho, num evento de trabalho.

Estava num stand a representar a empresa onde trabalhei, num evento sobre os cuidados de saúde.

Enquanto andava de um lado para o outro a observar calada as feições das pessoas, as atitudes, os contrastes, as posturas, ia em simultâneo fazendo alguns juízos de valor silenciados no tempo. Eram apenas pensamentos calados e não proferidos, sentidos e nunca escritos, mas sim, eram pensamentos ou juízos sem porquês.

A meio da tarde iniciam-se as conferências.

Entro para uma das salas para assistir e fico completamente atordoadada com o que oiço.

Discursos deste género:

«Nós, a classe dos farmacêuticos não podemos permitir que o Governo aplique a regra de colocar farmácias nos hospitais, não é benéfico para ninguém... e, ainda para mais, abertas 24 sobre 24 horas...»

Foram vários os discursos à porta deste tema, foram várias as manifestações dos oradores que, até têm um peso na nossa sociedade, que representam classes idóneas, ou ditas idóneas, que estão à frente de cargos e são decisores...

Mas, confesso, as palmas eram uma constante, as várias salas de conferência estavam cheias e, senti-me mal, muito mal mesmo, por estar no meio de uma multidão de gente que nada tem a ver comigo. Não bati uma única palma, não sorri, apenas fiquei muda, calada, a ouvir tamanhas barbaridades embrulhadas em dinheiro e recheadas de lucro.

Como é possível haver pessoas que, embora estejam a defender o seu posto de trabalho, colocam-no acima da saúde, acima dos necessitados, da dignidade, como? digam-me, como? O lucro que não é pouco torna-se desmedido e até ambicioso.

Não importa, afinal, a cura, a aproximação humana, o alívio da dor, o que é verdadeiramente importante não é satisfazer os utentes dando-lhes melhores condições de acesso, mas, sim, o lucro que daí advém.

Uma vez mais confesso a minha tristeza, a minha indignação, a minha completa frustração e impotência em fazer entender às pessoas que, as empresas existem, sejam elas quais forem, mas, acima de tudo, devem existir para colmatar as necessidades humanas e, não as necessidades pessoais...

Fiquei chocada, senti-me diferente...senti-me humana, mas magoada.

LINHA TÊNUE!

Sinto-me profundamente triste.
Sinto-me desiludida e magoada.

Eu sei porquê, sei porque me sinto assim.
Porque gosto de pessoas de uma só palavra.
Gosto de pessoas que honrem a sua promessa.
Gosto de saber que as pessoas estão comigo.

Gosto que as pessoas gostem de mim.
Mas são tantas as vezes que me sinto enganada.
São tantas as vezes que me sinto invejada.
Não sei porquê, pois nada tenho.

Escrevo, aliás, agora apenas escrevo.
O trabalho também me deixou.
Talvez por inveja, não sei!
Agora só tenho os estudos e a escrita.

A literatura, a minha companhia.
Mas parece que a partilha que dela faço,
É igualmente invejada por muitos e,
Continuo sem saber porquê...

Nada ganho, não encho salas nem recebo flores.
Quem diz que comigo está, desiste de estar...
No último momento há quem nada diga.
Apenas não aparece, não comparece.

E age como se nada fosse,
E mente como se eu acreditasse,
E magoa-me, entristece-me
Por saber que da palavra,

Da honra e da promessa,
Do gostar mesmo...

Existe uma pequena linha,
Uma linha muito ténue, frágil, delicada...

Que tudo separa...tudo em que eu acreditava!

*Hoje não chove, o céu
está limpo.*

*Hoje o azulado céu
deixou para trás o cinza.*

*Hoje não chora o céu que
um dia chorou.*

*Hoje guardou as suas
lágrimas e deu-as a
alguém.*

AS LÁGRIMAS DO CÉU!

Hoje não chove, o céu está limpo.
Hoje o azulado céu deixou para trás o cinza.
Hoje não chora o céu que um dia chorou.
Hoje guardou as suas lágrimas e deu-as a alguém.

Esse alguém fui eu, recolhi-as e contive-as.
Foram dias a ver chorar o céu.
Foram dias a sentir o céu chorar.
E agora também eu choro, num dia sem fim.

Guardo cada gota que o céu me deu,
Cada lágrima que o céu soltou,
Ele que não aguentava mais, teve que partilhar,
Teve igualmente que as dar, as suas lágrimas dar!

Eu recebi-as carinhosamente, porque o senti triste.
Agora ele está alegre, de céu azul sem cinza nublado,
E eu estou triste por chorar as lágrimas do céu,
A chuva que cai e o choro que padeço...

Uma lágrima sem choro, apenas um olhar triste...

DESVALORIZADA...

Acordo antes do despertador acordar.

Com receio que ele acorde, pois já estou acordada, desligo-o e deixo-o a dormir...

Levanto-me e faço o habitual ritual da manhã.

Abro as portadas, faço a minha higiene matinal, tomo o pequeno-almoço, vou ao pc e, dedico-me às leituras, aos estudos e ao pensamento sem nome.

Das mensagens que vou lendo aqui e ali, vou interiorizando uma série de pensamentos confusos e dispersos na minha cabeça. Tento de alguma maneira arrumá-los para lhes dar forma, cor e algum sentido na minha vida.

Uma vida nova para mim.

Uma vida que me está a ensinar novamente o caminho das pedras. O caminho que todos deveriam percorrer para valorizar o tudo. Porque o nada é que dá valor ao tudo.

Caso nunca saboreemos esse nada, nunca na vida iremos dar valor ao tudo, valorizar os pequenos pormenores que fazem toda a diferença, numa sociedade dita de valores.

Valores apenas nas palavras, porque nos actos praticados são inconfessáveis e intolerantes esses falsos valores.

Hoje, então, sinto-me particularmente desvalorizada.

Desvalorizada por ninguém me querer integrar numa equipa de trabalho.

Desvalorizada também, por não respeitarem a minha Alma, o que dou de mim através da minha escrita.

Não obrigo ninguém a comprar os livros que escrevo.
Não obrigo ninguém a ler-me.
Mas também não acho de bom-tom que se estraguem.

Pediram-me os livros, pediram-me que os autografasse.
Estes livros estão autografados, logo, estão à partida condenados.
Primeiro, porque quem mos pediu, não os quis.
Segundo, também não podem ser de mais ninguém, por estarem autografados.
E, autografados de forma personalizada, não um autógrafo qualquer, trata-se de um autógrafo mimado por pensar que me queriam ler, que me gostavam de ler.

A única coisa que peço é respeito pelo trabalho dos outros, pelo meu principalmente, que nada recebo pelos livros e apenas escrevo porque gosto.

Estou sem palavras e deveras desiludida...

Desiludida com as pessoas, com o que as pessoas apregoam, com o que as pessoas fomentam e depois sem vergonha, proclamam, como se a desculpa fosse desculpar a razão.

É um ritual matinal este que muitas vezes me visita, pois ultimamente as boas notícias escasseiam...

Estou deveras desiludida...

Desiludida com as pessoas, não com a vida...

Mas as pessoas sendo vida, estou igualmente desiludida com o comportamento dessa vida...

Hoje sinto-me desvalorizada pelo mundo, pela sociedade, pelas pessoas, pela vida...

PROCURA SEM ENCONTRO!

Acordo
Levanto-me, deambulo
Subo e desço escadas
Sento-me e levanto-me
Ando e divago.

Penso no nada e em tudo
Nada faço, tudo quero
Nada encontro, tudo me procura
Nada me fascina, tudo me encanta
Nada e tudo.

Escrevo e apago
Nada faz sentido
Tudo me perturba
Apago a memória
Escrevo a palavra

Já não sei o que faço
O que sou, quem sou!

Já não sei escrever
Nem pensar ou meditar!

Já não sei ser
Nem eu, nem palavra!

Sou apenas existência
Sem vida, sem nome!

Sou mas não sou.
Já fui, não sei se serei.
Porque agora deixei de ser.
O que outrora fui e hoje não sou!
Algum dia voltarei a ser?!

Deito-me, levanto-me
É hora de tudo fazer
Mas nada faço, estou cansada
Fatigada do nada, procuro o tudo
E não encontro, nem mesmo esse nada!

Algum dia voltarei a ser?!
Não sei...! Talvez!

A PINTURA ABSTRACTA

Algo se passa.

Sinto que me queres ferir, despertando-me para ti.

Sinto que me queres abanar, acordando-me para ti.

Talvez te tenha machucado e não vislumbre quando, onde ou porquê.

Mas algo se passa e não sei o quê!

Fazes-me ciúmes, ignorando-me, como se eu nada fosse.

Provocas capacidade de resposta para que não me cale.

Assim, sempre me podes sentir por perto, mas, ao mesmo tempo, ignoras-me para me atingires, para me magoares, para me ferires, mesmo que não saiba o porquê.

Diz-me e não silencies as palavras, não permitas que o silêncio se encoste a ti, diz-me o que se passa, sei que não és assim, sei que não és tão vulgar assim, ou talvez sejas, mas se fosses, não pintavas palavras através da imagem, com tintas fortes que falam caladas e denunciam pintadas.

Mas gostas de provocar e de ser provocado, por vezes com requinte, outras vulgarmente, existe uma linha muito ténue entre a sedução e o vulgar e essa, essa eu não posso ultrapassar, correria o risco de me igualar a quem tu escreves, mas que nada valem a não ser figuras momentâneas.

Podem ser ricos instantes de belo prazer, mas serão esquecidos por não deixarem marcas, as marcas do tempo que duram e persistem, aquelas que nos fazem doer, mas igualmente sentir, aquelas que nos fazem chorar, mas igualmente perdurar.

Não deixam de ser momentos, é certo, momentos esquecidos alíngues no tempo, talvez para apagar mágoas sentidas ou esquecer tormentos vividos, mas não passam disso mesmo, de oportunidades que não ficam, de momentos que não nos fazem recordar, muito menos ficar.

A vida sendo feita de pequenos detalhes, devem estes, antes demais, ser fragmentos nunca esquecidos, nunca banalizados, nunca vulgarizados. Por isso, não te cales no silêncio e solta as palavras através das imagens, que sei serem especiais para ti.

Transforma a tua angústia em imagens abstractas, que só tu as entendes, que só tu as sabes fazer para que elas te compreendam, para que elas te protejam, te amparem sem te culparem, mas pinta, pinta, pinta esse momento de imagem abstracta, sem te denunciares, sem te vulgarizares.

VAZIOS DA ESCRITA

Existem vazios na escrita que me atropelam numa constante. Quero fugir deles e não consigo, quero vê-los desaparecer mas neles me perco. Quero libertar-me deste vazio incompreensível mas nada liberto. Este tormento que me invade a Alma torna-se sempre num vazio sem fim.

Queria ser e ter o preenchimento da escrita, que encantasse o que outrora já o soube fazer, mas deixou de o ser, agora já não encanta, porque desse encantamento surgiu o vazio...

Histórias ocas, desabitadas do corpo são uma constante em mim. Narrar vazios sem nada para contar, são outros imutáveis despojos que em mim permanecem.

Deixei de criar, inventar, reinventar, adormecer, delirar, encantar, sonhar, devanear, deixei... porque o vazio em mim chegou e em mim ficou...

Ficou sem tempo contado, com lugar certo mas sempre indefinido no canto que ocupa, mas ocupando-o sem licença pedir, sem perguntar, afirmando apenas... esta Alma que estava cheia será aos poucos esvaziada...

E assim me sinto, num corpo de Alma vazia... São os vazios da escrita que me visitam...

TRISTEZA!

Entraste no meu corpo, invadiste-me a Alma, sacudiste a alegria e expulsaste o sorriso.

As lágrimas secas entraram também, a cara fechada e a solidão calada, tornaram-se acompanhantes de uma vida apática.

No que me tornei!

Num ser sem vida, num ser sem riso ou choro.

Tristeza, tu que escorraçaste o meu ego, a minha virtude, o meu olhar... apoderaste-te igualmente do meu calar... calada fiquei e sentida estou, nada me resta, tudo me levaste, nada me deixaste.

Porquê?

Que mal eu te fiz para me testares assim?

Que motivos te dei para me tratares, igualmente assim...?

Que maldade a tua para me deixares assim... apática, sem som, sem letra, sem fonética...

Até quando serei atingida?

Até onde serei ferida?

Como saberei que o teu dia chegará?

A tua partida do meu corpo, a tua demanda para outros caminhos...?

Vai-te embora, por favor!

Peço-te, imploro-te que me abandones, que me deixes e permitas que a alegria habita novamente em mim.

Não te quero, luto para não te ter, mas tu insistes em me bater sem toque, para eu chorar sem lágrimas, e apenas o meu olhar me denunciar, o quão triste estou, por viver assim, neste mundo de injustas causas, ou causas perdidas, porque luto sem fim, e nada me traz alento, alegria, sorriso, vontade apenas... de viver...

Tristeza, tu que me abordaste, testas-me até à exaustão, sinto-me sem forças para contigo lutar, ganhaste, se é isso que queres, dou-te a vitória, mas por favor, abandona-me e deixa-me ser feliz, ser paz, serenidade... deixa-me por favor...

Como fui incauta, ingénua ao pensar que poderia viver eternamente sem aflição, sem dor, sem desassossego, sem invasão tua... como fui imprudente...!

Oh meus Deus, ajuda-me a ser mais precavida, dai-me outra oportunidade, outra vida, outra vontade, outra motivação, apenas quero voltar a sorrir, voltar a ser o que em tempos fui e nada valorizei, em tempos pensei saber e agora que saboreio o odor da dor, sei que nada soube... nada sei...

Tristeza!

Imploro-te, vai...

PRECISO DE ME ALIMENTAR!

Preciso de me alimentar!

Deixei de saber escrever, sentir até.

Deixei de encantar com a minha sensualidade, o meu erotismo... deixei...

Porque será? Não sei!

As minhas musas se foram, a minha inspiração esfumou-se, a minha sensualidade na escrita evaporou-se... o que aconteceu? Não sei!

Os encantos que escrevia e permitia fazer sonhar a quem os lia, deixaram de fazer sentido, por isso, preciso de me alimentar, apaixonar, para viver e sentir...novamente... a loucura por saciar, a vontade eternizada em pasmos de prazer, e palavras por escrever.

Mas, preciso!

Preciso desse alimento que me sacia, que por mim puxa e me desnuda, me solta e me fecunda, como se fosse bicho com fome, como se fosse mato com sede, como se fosse mulher encarnada pelo diabo em forma de homem.

Mas, preciso!

Preciso de me alimentar!

Para não me fazer esquecer, para não me apagar...

Procuro Almas do diabo.
Procuro loucos sem mente.
Procuro homens de semente...

Para em mim fecundarem letras, e parir textos em forma de poemas... mas preciso.

Preciso de me alimentar, procuro, encontrem-me...

Fecundem-me, saciem-me, mas acima de tudo, alimentem-me...

ÍNDICE

<i>Prefácio de Miguel Real</i>	
<i>Ana Mascarenhas: O desconcerto do mundo</i>	5
<i>Palavras prévias</i>	9
<i>Livro</i>	11
<i>Leio-te</i>	13
<i>Solidão</i>	14
<i>Desafio</i>	15
<i>Nostalgia</i>	17
<i>Sequência nostálgica</i>	18
<i>Imoralidade, frontalidade ou agrssividade?</i>	20
<i>A arena</i>	24
<i>Desumanos indecifráveis</i>	27
<i>Eu pessoal ou Eu profissional?</i>	30
<i>O tempo chegou e disse</i>	35
<i>Máscaras de Veneza</i>	36
<i>Serei eu digna de ti</i>	38
<i>Solidão sozinha...</i>	39
<i>São minhas, por isso, solto-as...</i>	42
<i>Temperos molhados...</i>	44
<i>Silêncio agitado</i>	45
<i>Dissertação da palavra</i>	47
<i>Refém da palavra</i>	49
<i>Silenciosa solidão</i>	50
<i>Papoila selvagem</i>	51
<i>Mergulho submerso</i>	54
<i>Caprichos de uma barriga</i>	55
<i>É preciso ter alma para ler</i>	57
<i>Rótulos de uma justiça corrupta</i>	59
<i>Espantar a revolta</i>	63
<i>Pequenos sonhos, apenas...</i>	65
<i>Perdi a capacidade de escrever!</i>	66
<i>A canto do grilo!</i>	69
<i>O outro lado da voz!</i>	72
<i>O velho e o legado</i>	74
<i>O testemunho da chaminé</i>	76
<i>O vestido em bordado inglês</i>	78
<i>Faz-lhes companhia, pode ser?</i>	80
<i>Bebam-me com prazer e sensualidade...</i>	83
<i>O intervalo do cinza</i>	86

<i>O reverso da paixão</i>	88
<i>Vida estranhamente solitária</i>	90
<i>A face com óleo de coco!</i>	92
<i>Há pessoas</i>	95
<i>Um pedido de perdão!</i>	97
<i>Felina com toques de seda</i>	100
<i>O ventre do mar</i>	102
<i>Corpo oculto</i>	103
<i>Divagando a escrita...</i>	104
<i>Diarreia mental</i>	105
<i>A letra da loba</i>	107
<i>Ciúmes desérticos!</i>	109
<i>A orgia das palavras</i>	112
<i>Alma de um corpo só...</i>	113
<i>Lágrimas...</i>	115
<i>Verdade aprisionada</i>	117
<i>As pessoas são seres estranhos!</i>	119
<i>A gaveta dos curricula</i>	122
<i>Palavras ocas</i>	124
<i>Humanos robotizados</i>	127
<i>Fragmentos de vida</i>	129
<i>Destino...</i>	132
<i>Um sonho acordado</i>	133
<i>Ânsia por mim</i>	136
<i>O burado da esperança</i>	137
<i>O pesadelo da insónia</i>	140
<i>Outono!</i>	143
<i>O segundo depois do primeiro</i>	144
<i>Maremoto</i>	146
<i>A falsa amizade</i>	148
<i>Escreva real!</i>	150
<i>O poder do poder?</i>	152
<i>Linha ténue!</i>	154
<i>As lágrimaas do céu!</i>	157
<i>Desvalorizada...</i>	158
<i>Procura sem encontro</i>	160
<i>A pintura abstracta</i>	162
<i>Vazios da escrita</i>	164
<i>Tristeza!</i>	165
<i>Preciso de me alimentar!</i>	167

